

FHO

FUNDAÇÃO HERMÍNIO OMETTO

IF PAN100

18



3405-11

A Matéria da Palavra

Gesiel Prado
(Org.)

A MATÉRIA DA PALAVRA

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sem a autorização, por escrito, da Fundação e de seus autores. Todo o material utilizado neste livro foi produzido por terceiros no I Concurso Cultural.

Araras – SP
2022



A MATÉRIA DA PALAVRA

1ª edição

GESIEL PRADO
(Org.)

FHO

FUNDAÇÃO HERMÍNIO OMETTO

© 2022 Fundação Hermínio Ometto – FHO
Todos os Direitos Reservados

Reitor

Prof. Dr. José Antonio Mendes

Pró-reitores

Prof. Dr. Olavo Raymundo Jr. (Graduação)

Prof. Dr. Marcelo A. M. Esquisatto (Pós-graduação e Pesquisa)

Diretor Administrativo-financeiro

Francisco Elíseo Fernandes Sanches

Coordenadora de Comunidade e Extensão

Profa. Ma. Cristina da Cruz Franchi

Editor responsável

Centro de Desenvolvimento de Materiais Didáticos – CEMAD/FHO

Projeto gráfico e capa

Departamento de Marketing/FHO

Imagem da capa

Thiago Cestari

www.fho.edu.br

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca “DUSE RÜEGGER OMETTO”

– UNIARARAS –

M142

A matéria da palavra. / Gesiel Prado, org. – 1. ed. – Araras, SP:
Fundação Hermínio Ometto-FHO, 2022.
141 p. il. (1.491 KB)

ISBN: 978-65-87752-68-6

1. Poemas brasileiros – Coletânea. I. Prado, Gesiel II. Fundação
Hermínio Ometto – FHO. III. Título.

CDD B869.15

Fundação Hermínio Ometto – FHO

Av. Dr. Maximiliano Baruto – 500

Jardim Universitário – 13607-339 – Araras – SP

*À Profa. Dra. Valentina Elizabeth Rossini Mazon,
Tina
(in memoriam)*

Sumário

A Outra Face da Palavra

Gesiel Prado

A

Matéria da Palavra

Poesia

Teste de Chama

Kamily Alexandre

2020

Júlia Spatti Cândido

Empatia no mercado

Renata Torres

Para que veja

Lucas Armando Vicente

Que barulho chato!

Mariana Machado

A Biblioteca de Destino

Silas Miguel

Quinta Marsala

Lara Christie Burger

Estados

Brenda Dias da Costa

Epílogo

Bruna Ramos de Moraes

O lamento da coxia

Guilherme Lisboa Morgan

Contos

O lobo, a baleia e a fábula do escritor

Mayara de Godoy

A Guardiã

Silas Miguel

O efeito dos vitrais - a vela e a cera

Maria Eduarda Cardoso

O diamante sabia que quebraria

Daniele Lopes

Escolhas

Beatriz Brieda Latança

Outras vozes

Outros Poemas

Viva vivendo!

Alex Nunes da Silva

A homenagem que não fiz

Alice Alves Pires

Os dois lados da vida

Aline Alves dos Santos

O Semeador

Ana Paula Spatti dos Santos

Doces lamentos de um menino sem jeito

Bruno Florentino dos Santos

O tempo

Débora Soares de Souza Purcino

Estilo Interior

Guilherme Barbi

**O sentido do trabalho enquanto atividade de
emancipação humana**

Jaqueline Lara Brigante

Ser intrínseco

Júlia Barbato

Gatilho Etilista

Jully I. Souza

Caducou Cadu

Leonardo Trindade Capistrano

Estender-se

Leticia Gonçalves de Oliveira

Nas curvas da desilusão

Leticia Braga

O amor para mim

Margareth de oliveira schuks

Jardim de saudade

Maria Elisa Pinto Martins

Sobre(viver)

Mariana Breda Tibana

Toque-me

Nathalia de Lima Bohnstedt

Sozinha

Thais Meyriane Gabriel

Amor de papel

Victória Rossi

Doces Mãos

Vitoria Alves Ramos Santos

Sobre os jurados do concurso

Diedra Roiz

Dia Nobre

Leandro Oliveira

Marco Aurélio Scarpino Rodrigues

Organizador

Gesiel Prado

A Outra Face da Palavra

*A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda,
foi inventada para ser calada.
Em momentos de graça, infrequentíssimos,
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão.
Puro susto e terror.*

Adélia Prado

Este livro não é apenas uma coletânea de poemas e contos, resultados de um concurso cultural. É o começo de uma trajetória pela vereda estética das palavras. Participar e ser selecionado no concurso cultural é uma espécie de passaporte para trilhar esse lugar, no qual a matéria da palavra é composta por efeitos de linguagens, e o léxico cede espaço para o semântico. Em que a palavra se desprende da racionalidade objetiva do discurso científico, e passa a circular livremente despreocupada com a informação. Aqui, a palavra vive por ela mesma, encarregada unicamente de belezas. Isso porque, nas veredas estéticas das palavras, a forma tem maior valor que o conteúdo. Nestas trilhas ocorre a transmutação do Ser estudante universitário para o Ser poeta e o Ser contista.

O espaço acadêmico é, por muitas vezes, onde a palavra tem a função de informar fatos, estimular raciocínios, mobilizar conceitos e ideias. Neste espaço, ela é séria, com movimentos objetivos e claros, tem por obrigação difundir o conhecimento. Seu compromisso é com a racionalidade, sendo raros os momentos em que lhe é permitida, simplesmente, a beleza pela beleza.

A formalidade dos discursos, a irreverência controlada da palavra, a objetividade dos dizeres, a construção sistemática do pensamento científico, e, sobretudo, a comprovação prévia de domínio destas habilidades e competências, para fazer parte do seletivo corpo discente, de certo modo alimentam o imaginário popular do contexto acadêmico como um espaço para poucos.

Recentemente publicada, a obra *Acesso ao Ensino Superior: a ideologia e construção de desigualdades sociais* (MOURA, 2020) analisa as condições educacionais que intimidam estudantes de escolas públicas, da cidade de São Paulo, a procurar as universidades públicas estaduais. O livro, derivado da pesquisa de doutoramento da autora, aborda pontos importantes para a reflexão sobre a entrada de jovens egressos das escolas públicas nas

Instituições de Ensino Superior, Estaduais e Federais, no Estado de São Paulo. Por ora, faço um recorte da fala da autora, Professora e Pesquisadora Paula Moura, na apresentação do livro. Burlando as regras do discurso científico Moura (p. 13, 2020) relata sua experiência de vida antes de ser uma futura aluna da consagrada Universidade de São Paulo (USP),

Desde a minha infância, estudar na Universidade de São Paulo (USP) era um objetivo para mim. Mais precisamente, um objetivo que me foi colocado pela minha mãe. Periodicamente, ela ia ao campus da Cidade Universitária no Butantã [...] e, encantado com aquele espaço amplo, arborizado, com edifícios peculiares, imaginava a filha naquele lugar.

[...]

Foram 13 anos estudando nessa instituição, completando, bacharelado, licenciatura, mestrado e doutorado. Tive oportunidade de trabalho e de renda desde o primeiro ano da faculdade, realizando estágios na instituição, participando de grupos de pesquisa com bolsa de diferentes instituições. Pude me dedicar apenas à pesquisa durante o período de pós-graduação e, além disso, tive a experiência de um estágio na Faculdade do Porto, em Portugal. A USP era mesmo o que tinha sonhado.

Há, nesse relato pessoal, muito do imaginário do que é estar em um espaço acadêmico. Ainda que, de forma contundente, o estudo tenha como um dos referentes de pesquisa a universidade pública, é possível enxergar, nas entrelinhas do texto, a projeção da imagem de que se espera de um/a discente: o embotamento do prazer estético da palavra, decorrente do emprego sistemático dela em prol do pensamento e da racionalidade.

Diante disso, ações, como o I Concurso Cultural promovido pelo Centro Universitário da Fundação Hermínio Ometto/FHO, viabilizam, no meio acadêmico, a circulação da palavra por sua função estética, pela experiência prazerosa de proferí-la. Essa vivência, ao contrário do que se possa pensar, não anula a prática de usar a palavra como expressão do pensamento lógico e do conhecimento, elas se emparelham, possibilitando, cada uma à sua maneira, experiências críticas de ver, analisar, compreender e contemplar pessoas, objetos, fatos.

Do ponto de vista da aprendizagem, o I Concurso Cultural permite que o aluno se veja como autor em outros lugares e contextos, portanto, que sua produção escrita não se limite ao espaço acadêmico. Propicia, também, a compreensão de que saber se comunicar vai além de

dominar as regras da gramática normativa, mas é reconhecer os diferentes tipos de textos, e, a partir disso, selecionar quais estratégias e recursos linguísticos que devem ser empregados naquele determinado texto, de modo que ele possa veicular diferentes sentidos e experimentações.

Mas acredito que é na vida pessoal das/dos estudantes que este concurso causa maior impacto. Seus textos literários, agora reconhecidos, saem de suas gavetas, de seus cadernos de anotações e passam a circular para um público leitor. Essa segurança passa a refletir em todos os aspectos da sua formação. Este é o objetivo principal pelo qual esse projeto foi proposto, porque acredito que assim como ninguém nasce leitor, mas se torna leitor, tampouco alguém nasce literato, mas se torna um escritor. É preciso oportunizar espaços para que os talentos possam se projetar, é preciso que haja incentivo e apoio, e a academia é um espaço no qual fomentar esse estímulo, transportando-o para além das portas da instituição, para toda a comunidade, é fundamental.

Agradeço a toda Direção do Centro Universitário da Fundação Hermínio Ometto/FHO por me oportunizar esse momento, em especial agradeço à Profa. Ma. Cristina

Franchini, Coordenadora de Comunidade e Extensão, pelo apoio e por acatar a proposta de realização do Concurso Cultural do Centro Universitário da Fundação Hermínio Ometto. Estendo os agradecimentos ao Prof. Dr. Olavo Raymundo Junior, Pró-reitor de Graduação, pois esse concurso, ainda que seja uma iniciativa pessoal, só é possível, em sua inteireza, graças ao apoio de profissionais que entendem que a abordagem do ensino de linguagem tem por objetivo o aperfeiçoamento das competências e habilidades de comunicação e da expressão oral escrita, ou seja, a palavra para além da sintaxe e das regras da gramática normativa.

O concurso cultural contou com duas categorias: poesia e conto. Ao final, foram selecionados 10 poemas e 5 contos, publicados por ordem de classificação. Os textos literários são das mais variadas áreas do conhecimento, Ciências Contábeis, Engenharia Química, Pedagogia, Psicologia e Química. As/os poetisas e as/os contistas são estudantes universitárias/os da FHO. Na seção, Outras Vozes Outros Poemas, são apresentados 20 poemas de outras/os estudantes que foram classificadas/os no concurso.

À medida que escrevo esta apresentação, percebo que as palavras não chegam facilmente. No eixo das escolhas e das possibilidades de combinações disponíveis dentro do campo de alternativas da língua, faltam-me palavras para que eu possa expressar a sensação que o resultado do Concurso Cultural da FHO me proporciona. Considerando o contexto socio-histórico de 2020, pairava uma quase certeza: o concurso cultural seria um fracasso. No entanto, a arte tem suas razões que a própria razão desconhece. Isso acontece porque a arte é excessivamente humana, brota do desejo de ser e estar no mundo.

Logo de início, o projeto se depara com um dos momentos mais difíceis destes últimos anos, uma pandemia que nos afastaria de todo convívio social. Isolados em nossos lares, vivíamos o pesadelo constante da morte. Mas a arte é potência criadora até mesmo no caos, é o momento da projeção das sensações e expressões mais subjetivas do ser humano. Assim como a delicadeza das violetas, que nasce em meio a relva, a arte também brota e floresce, até mesmo nos piores momentos.

As/os jovens poetas e contistas, e seus poemas e contos de extrema maturidade, convidam-nos a contemplar as coisas belas da vida. Em meio à

racionalidade do fazer científico é preciso arte para poder viver e contemplar o mundo ao redor. Este livro de poesias e contos é uma convocação à apreciação da palavra, desprovida dos academicismos, mas com a tessitura da delicadeza e da forma livre.

E, justamente, pela felicidade de quem observa o resultado do I Concurso Cultural do Centro Universitário da Fundação Hermínio Ometto, eu concluo esta apresentação com as palavras da canção “E vamos à luta”, de Gonzaguinha:

Eu acredito é na rapaziada!

Gesiel Prado

11 de setembro de 2021

(poucos dias para o início da primavera)

REFERÊNCIAS

MOURA, Paula Nascimento da Silva. **Acesso ao Ensino Superior. a ideologia e a construção das desigualdades.** Curitiba: Appris, 2020.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida.** São Paulo: Record, 2015.

A

Matéria da Palavra

Poesia

Teste de Chama

Kamily Alexandre

Você tornou-se meus sais,
Cada encontro
Uma chama reluzente
Brilha de uma cor diferente.
O fogo em meu torso
Súplica ao sódio,
Ao lítio
A cada instante
Eu não quero mais
Queimar

2020

Júlia Spatti Cândido

"Alguns dias em casa?
Logo após o carnaval?
Esse ano talvez poderemos
Emendá-lo com o natal."

Esqueceu-se de dizer
Que aquilo era só exagero.
E "alguns dias em casa"
Viraram um ano inteiro.

Nove meses se passaram
E sem mais o que fazer
Tomou uma decisão:
Resolveu enlouquecer.

Começou pelo mais óbvio:

"Vou clarear meu cabelo.

Ficar loira talvez me ajude

A enfrentar esse pesadelo."

De tingir não tinha coragem

Descolorir? Fora de questão.

"Deve haver um modo mais fácil

Acharei outra opção."

E com chá de camomila

No cabelo, secando ao sol

Decidiu que era hora

De aprender espanhol.

Se dedicou aos estudos

Durante um dia ou dois

Porém sua mente vagou

Ao que faria depois.

Olhando para suas roupas

Sem ter sequer onde as usar

"Por que não fazer mais roupas?

Vou começar a costurar."

Costurar se mostrou difícil,

Pois o tecido era muito fino.

"Desisto de fazer isso

eu vou tocar violino."

Violinista não era

Muito menos alfaiate.

"Acho que vou me alongar

E aprender a abrir espacate"

Espacate é cansativo

E é ruim se sentar no chão

"Cansei dos alongamentos

Quero tocar violão."

No violão foi um fracasso

Então resolveu sair

- não furar a quarentena -

Mas apenas dirigir.

No auge de sua loucura
E talvez descontrolada,
Percebeu tarde demais
Que não prestava atenção em nada.

Chegando em casa distraída
Após dirigir sem destino
Grande foi a consequência
De seu passeio vespertino.

Aproximando-se do portão
Perdida em seus devaneios
Pisou forte na embreagem
Mas esqueceu-se dos freios.
Sem entender o ocorrido,
Confusão em seu estado puro,
Após alguns instantes viu
Que havia derrubado um muro.

Caro leitor, não se preocupe
Pois ninguém se machucou
O muro foi consertado
E o carro, pouco se amassou.

E essa que aqui vos fala
Talvez um pouco sem jeito
Tem, então, de admitir
Não estar em seu juízo perfeito.

Mas eu o pergunto, leitor
Se quiser refletir um pouco:
Haverá alguém em 2020
Que não tenha ficado louco.

Empatia no mercado

Renata Torres

Viver parece mais um jogo de palavras
E tudo o que as pessoas dizem são falácias
Eu fico muito chocada
Em como tudo parece ser uma farsa

Tantas pessoas falando de amor,
E dentro de casa causando terror
Tantas crentes brigando e maldizendo os ateus,
Quando na verdade nem sabem quem é Seu Deus.

Será que existe empatia no mercado?
Porque algumas pessoas precisam de um bocado.
“não faça aos outros o que não gostaria que fizessem a
você”
Será que é tão difícil assim entender?

Chego a sentir nojo quando ouço
Que todo o mal que causou foi em nome do amor.
Chega de vestir tantas máscaras,
Se tem coragem para agir, ao menos acabe com a farsa.

Você destrói quem te ama,
E depois espera carinho na cama?
Olhando para o próprio umbigo vive a vida,
E espera que o outro lhe seja guarida.

Sinto-me cansada e um pouco desesperada,
Como ser manso num mundo de feraz com garras
afiadas?
Como abrir os olhos daqueles que não querem ver?
Que no jogo da vida, a união deve prevalecer.

Vamos, tirem dos olhos esse freio,
E vejam que a vida vai além do teu espelho.
Arranquem essas teias de aranha cerebral,
E entendam que a vida não é feita de capital.

O capital mantém a economia,
Mas é o amor que mantém a vida.
Se não consegue ver além da tua vaidade,
Como espera que teus sonhos se tornem realidade?

Para que veja

Lucas Armando Vicente

Chamem Cristo, o judeu!
Para que veja todos os povos
Todos pelos quais morreu
Pergunto a ti, Cristo meu:
Vale a pena?
Só mesmo um Deus pra achar que valeu!

Chamem Nero, o piromaníaco!
Para que veja seu império caído
Mortes e fogo em terreno destruído
Tirano covarde, jovem em poderio
Foge de Roma, prepara suicídio
Assassinado, morre ao fio

Chamem Cabral, o navegador!
Para que veja as Índias-Brasil
Sofridos, chorados, diversos resultados
Quinhentos e tantos anos entornados
Recebe holofotes em seu coração
Ocupa, nos livros, o lugar de Vicente Pinzón

Chamem Camões, o nobre poeta!
Para que veja seus mesmos escritos
Conservados do tempo, pensamentos aflitos.
Chora, Camões, depois do naufrágio
Dinamene, afogada, um certo sufrágio
Salvos, Lusíadas, seguem jornada
Chamem Zumbi, o líder dos Palmares!
Para que veja, hoje, seu povo
Novos quilombos, formados de novo
Dentro das cidades, resistência em jogo
Morre, traído, caçado por Mendonça
20 de novembro, data de esperança

Chamem Dom Pedro II, jovem imperador!
Para que veja a nossa República!
Pensas que é bom o sistema instaurado?
Creio que muito falte para um diamante lapidado
O império, para muitos, ainda é presente
É mantido nas mãos de um pouco de gente

Chamem Hitler, o demônio encarnado!
Para que veja todo o sangue derramado
Convince o povo à visão do errado
Faz vítimas judeus, holocausto escancarado
Suicídio: saída para um ditador envergonhado
Morre e não volta, encara agora os teus pecados

Chamem João Paulo II, o santo!
Para que veja suas ovelhas orientadas
Referência cristã, pelo povo admirado
Sofre atentado, salvo pela fé
Canonizado, vive agora ao lado
De Santa Teresa, a santa das sarjetas

Chamem, de novo, o Cristo judeu!
Por todo o bem, e por toda a bondade
Por toda alegria, e por toda felicidade
Por todo amor, e por toda fraternidade
Por toda força, e por toda honra
Concluo, Cristo meu:
Realmente acho que valeu.

Que barulho chato!

Mariana Machado

Que barulho chato

Acordo com ele e as vezes durmo

Que barulho chato

Convivo, não vivo

Que barulho chato

Me prendo e não me solto,
não quero me soltar

Que barulho chato

Ninguém se solta, nem você,
todo mundo se prende

Que barulho chato

Parece que é necessário piedade em tudo, mas
quem é a vítima?

Que barulho chato

Somos todos, somos todos vítimas, mas
queremos morrer assim?

Que barulho chato

Mulher tem que ser só amor
e perdão, Vinicius?

Que barulho chato

Aspira minha vida, minha liberdade, a de
todos.

Que barulho chato

Suga sua vida, suga sua felicidade, suga seu
existir, sobra a rotina

Que barulho chato

Coisas sempre em segredo, uma condicional eterna
maior do que a que é nos imposta ao nascimento

Que barulho chato

Quem é você? É seu passado apenas? É o futuro, quem não chegou?

Que barulho chato

Desliga esse aspirador do dia, todos eles, que barulho chato!

A Biblioteca de Destino

Silas Miguel

A Biblioteca de Destino
Contém os mais variados títulos
Livros de Vida e Morte
Histórias de todos os tipos

A Biblioteca de Destino
Contém livros longos e curtos
Livros velhos e novos
Livros para todos os públicos

A Biblioteca de Destino
Contém histórias interessantes
Algumas duram por longas páginas
E outras acabam em um instante

A Biblioteca de Destino
Contém histórias de Heróis e Vilões
Histórias de Invernos
Histórias de Verões

A Biblioteca de Destino

Contém histórias finalizadas e para finalizar

Histórias de longa jornada

Histórias de apenas um caminhar

A Biblioteca de Destino

Contém histórias do Dia e da Noite

Histórias dos plebeus nas tabernas

E dos nobres da corte

A Biblioteca de Destino

Contém páginas em branco e páginas escritas

Páginas novas e limpas

Páginas sujas e envelhecidas

A Biblioteca de Destino

Contém todas as histórias

A dos povos conhecidos

E a dos nunca citados em tempos de outrora

A Biblioteca de Destino

Contém histórias de guerreiros e traidores

Corações tristes

Corações sonhadores

A Biblioteca de Destino

Contém histórias de aventura e romance

Histórias de guerreiros

Histórias de amantes

A Biblioteca de Destino

Contém histórias que se cruzam

Histórias de mais histórias

E histórias que não se cruzam com nenhuma

A Biblioteca de Destino

Contém histórias de pessoas boas e ruins

Independente de quem sejam

Todas foram escritas assim

A Biblioteca de Destino

Tem muitas histórias para contar

Histórias pequenas ou grandiosas

Todas vão se immortalizar

A Biblioteca de Destino

Contém a primeira história escrita

E também contém a última

Que ainda não foi lida

A Biblioteca de Destino
É assim como você já sabe
Todas as histórias são importantes
Todas fazem parte da realidade

A Biblioteca de Destino
É por si só uma grande História
A História da Vida
História que conta sua própria História

A Biblioteca de Destino
Contém todos os livros
Escritos e não escritos
E Destino conhece todos os títulos
Afinal, ele é Destino.

Quinta Marsala

Lara Christie Burger

É quinta-feira, uma qualquer.

Lá fora, chove forte - aqui dentro, também.

Sento-me próxima às frestas do vidro recém pingado do meu quarto.

Entre uma tempestade e outra, vejo borrar-se um arco-íris manchado no cinza do céu da minha janela, embaçado pela neblina fumê das lágrimas que incessantemente derramo.

Em meio à poluição da cidade, as cores vivas do arco-íris respiram e me fazem respirar.

Exploro, rapidamente, a semântica da solidão de sentenciar-me a contemplar.

Na desordem caótica de cenários obsoletos, os reescrevo como paisagem.

Pinto quadros de minha angústia em vermelho vinho, verde e marrom.

As flores desabrochadas alimentam minha alma fadigada, regadas pelas águas que inundam meus devaneios.

De metáforas, faço uma resistente embarcação.

De quintas-feiras como essa, minha liberdade.

Estados

Brenda Dias da Costa

Esse estado eufórico
Sem nexos
Que transforma simples coisas
Em algo grandioso e complexo

Essa raiva
Não direcionada
Que machuca e queima
Sem adicionar nada

Essa tristeza
Sem começo nem fim
Que chega espontaneamente
Esperando pelo dia que direi o meu sim

Esses estados
Tão conflituosos
Que confundem minha cabeça e queimam o meu peito
E que tornam meus sentimentos intensos

Essas emoções
Que aumentam o meu medo
Glorificam meu pior defeito
E me transformam em seu brinquedo

Nesse turbilhão de sensações
Vivo prosseguindo
Nesse caminho cheio de desafios
Para acabar, no fim, sempre ruindo

Ass: Peregrina

Epílogo

Bruna Ramos de Moraes

Já me arrisquei demais tentando te entender
Acabo por concluir que essa é uma missão impossível
Um livro aberto, porém, numa língua que eu não
consigo ler
Todavia, pelas poucas palavras que decifrei
Só tenho a dizer que gostei do que vi

Um mistério sem fim
Uma história que acabou sem ao menos começar
E mesmo sem entender aqueles signos
Ainda lhe tenho como um dos melhores livros que
nunca li
Abstratamente conciso
Uma amálgama de tudo que é inexplicável

Não sei distinguir se realmente valeu a pena
Mas que foi bom é inegável

Porém, joguei-me de cabeça numa piscina vazia
E, por fim, acabei apreciando aquele hiato
Precipitei-me, mas fui sincera
O sentimento mais singelo e inapropriado que senti

Seu cheiro eu ainda sinto
Cheiro de livro novo e inexplorado
Ainda sinto o toque áspero de suas páginas
Devaneio pensando nas histórias que nunca ei de
apreciar
Talvez eu devesse te colocar de volta na estante
Talvez eu devesse atear-lhe fogo e esperar queimar
Talvez eu devesse somente desistir de tentar
Porém, a tentação sempre há de ser mais forte do que eu

Reviro os capítulos em busca de algo improvável
Quem me dera poder matar a tola esperança de te
decifrar
Tantos livros que ainda quero ler
Um acervo tal qual o universo
Então, por qual razão fascino-me tanto por algo que
nunca irei alcançar?

O lamento da coxia

Guilherme Lisboa Morgan

Sou apenas eu,
ao mesmo tempo que sou tudo,
Sou nada!
polaridade ambulante inacabada.

Sou toda possibilidade de ser
e se esta esgoto,
Recrio mais uma,
ou três!

Sou crença antepassada,
ferida machucada,
Marcada pela dor da revoada,
da lembrança silenciada!

Se eu fui, eu sou,
se eu sou, eu serei.
Escrevo em minhas linhas,
o torto e o reto,
o incerto mais certo.

Sou um amontoado de órgãos,
sem eira nem beira.
Recriando a melodia,
dançando a bobeira.

Minha chegada é minha partida,
cada encontro um novo ato.
Cada espetáculo,
um novo mundo abstrato!

O aplauso é um marco,
o fim da ambiguidade.
O começo da realidade,
e de uma nova subjetividade!

Contos

O lobo, a baleia e a fábula do escritor

Mayara de Godoy

— E você fala?

— Claro que falo. Estou falando — a baleia respondeu a pergunta da moça que estava ajoelhada na areia úmida. Ela havia acordado naquela praia, e a baleia já estava lá, com ares de sofrimento. Era uma cachalote, segundo os poucos conhecimentos da humana sobre biologia marinha — com uma ajudinha de Moby Dick.

— E como você foi encalhar aqui?

— Você me encalhou aqui.

— Como? Eu nem sabia que você existia. Quer dizer, eu nem sabia que esse lugar existia. Onde estou?

— Ela sempre existiu. - Um lobo se sentou ao lado da baleia, calmo, como se a vida daquele ser marinho gigante não estivesse em jogo. A segunda pergunta foi ignorada, o que acabou sendo o estopim de um silêncio desconfortável, como se cada um dos presentes esperasse alguma ação que não partiria de si mesmo.

Há dois segundos atrás, a moça podia jurar que estava apenas na companhia da baleia. Com as mãos na cintura, tentou se concentrar em acordar. Com certeza aquilo era um sonho. Aquela praia paradisíaca, a mata

densa logo depois da areia, o céu nublado e o vento que parecia assoviar melodias conhecidas. Como podia estar tão nublado e, ainda assim, o mar estar calmo e claro daquele jeito? E, ainda por cima, havia uma baleia encalhada e um lobo que apareceu sabe-se lá de onde, ambos falando.

Pensou em se beliscar, mas achou que isso seria infantilidade. Se aquilo tudo fosse um sonho, ela que aprendesse a lidar com ele até acordar.

— Tudo bem. Digamos que eu realmente seja a culpada, como fiz isso?

— Você parou de criar. Então nós tratamos de nascer sozinhos.

— Criar o quê?

— Qualquer coisa — respondeu o lobo, entre respirações pesadas. Ele jogava água na lateral da baleia, usando as patas como se estivesse cavando. As cenas mudavam num piscar de olhos, como se uma parte não estivesse diretamente conectada à outra.

— Mas...

— Você poderia me ajudar, por favor? — O lobo se virou, mostrando os dentes. — A vida dela corre risco, não podemos ficar parados.

— Não parem a conversa por causa de mim.

— Ok. — A moça olhou para o lado e viu um balde

vermelho que antes não estava ali. Andou até a água estar nos seus joelhos, bem perto da barbatana da baleia; passou a encher o balde de água e a molhar as costas do ser marinho, deixando que a água escorresse até perto de seus olhos. Fez isso repetidas vezes enquanto continuava tentando entender aquele cenário. — Onde estamos? — Tentou perguntar novamente.

— Você que nos diga — a voz da baleia estava fraca. - Conseguem ir mais rápido com isso aí?

— Duvido que essa pouca água irá te salvar, baleia. - A pelagem do lobo já estava imunda, cheia de lama salgada.

— Mas quanto pessimismo...

— Eu sou pessimista porque você me fez assim, moça.

— Eu não fiz você, caramba. — A mulher levantou a voz, parando de movimentar o balde. De soslaio, pôde jurar que viu a baleia arregalar os olhos, incomodada. A moça voltou a jogar água.

— Você fez tudo isso aqui. — A baleia já pouco se mexia, sofrendo com a falta de água.

— Eu não fiz nada. Como posso ter feito isso?

— Sua cabeça funciona de uma forma que você mesma não entende, mas ela funciona.

— Então se eu quisesse afogar essa mata toda para

salvar a baleia, eu poderia, só com a força do pensamento? — O tom era de deboche.

— Sim. — A resposta do lobo fez a moça parar com o movimento de encher o balde e jogar a água. — Mas você mataria toda a vida que tem dentro dos braços daquelas árvores.

— Você disse antes que eu fiz vocês, mesmo sem perceber? Como assim?

— É simples. Num momento existimos, no outro não. Agora eu existo, antes de você me ver pela primeira vez, eu não existia. Você quer, eu nasço. Se você quiser, eu morro. Se você para de criar, vidas nascem sozinhas, e ficam esperando que você olhe para elas e decida fazer alguma coisa.

Como em um estalar de dedos, o entendimento se fez presente. Ela estava imaginando, não alucinando. Aquilo realmente poderia ser um sonho.

— Então tem mais coisa além do que estou vendo aqui? — A aceitação já chegava aos olhos da mulher.

— Tudo o que você quiser que tenha. Dentro da água, embaixo da areia, entre as árvores, voando no céu...

— Eu não sou Deus pra ter criado tudo isso.

— Não é Deus, mas é dona da sua imaginação.

— E como eu posso salvar todo mundo?

— Você que deve saber isso. Sou sua criação, sei

apenas o que você quiser que eu saiba. E é melhor você agir rápido, porque a baleia já não tem mais muito tempo.

Em pé, com a água gelada batendo nos joelhos e areia colando nas roupas por causa do vento úmido, a mulher deixou os braços caírem ao lado do corpo, observando todo aquele cenário que era seu. Ao longe, por entre as árvores, viu outras pessoas a espiando, viu ruínas de casas na borda da areia, animais torcendo pela vida da amiga aquática. Alguns peixinhos mordiscaram o tornozelo da moça, num pedido de ação. O tempo parecia ter parado.

Tirando todos do torpor que durou segundos, o lobo uivou e a baleia sentiu que a vida ainda poderia estar dentro de si. Tudo dependia daquela moça que não sabia muito bem o que estava fazendo.

Com vontade de testar como aquilo funcionava, a jovem pensou e viu o balde se tornando amarelo, e depois derretendo, como se sempre tivesse sido feito de água translúcida. Se todo o processo fosse daquele jeito, seria fácil.

A água do mar começou a subir, e só parou quando estava na altura dos ombros da moça. O lobo havia se afastado, agora estando bem perto da mata, e cada vez mais cabeças apareciam por entre as árvores para espiar o que estava acontecendo na praia. Três delas chamaram a atenção da jovem, por conta dos cabelos

brancos e dos olhos amarelos. Mais à esquerda, um jovem, mais ou menos da sua idade, acenou, com um sorriso fácil, mas com os olhos refletindo tristeza. Repentinamente, a moça já sabia tudo sobre aqueles seres. Sobre aqueles *personagens*. Cada segundo de vida, cada tristeza, felicidade, elos e fantasias. A vida deles também era a sua.

A baleia, agora com água abaixo da metade de seu corpo, já se mostrava mais alegre.

— Creio que isso ainda não seja suficiente — o lobo comentou, inquieto e muito perto das ondas que iam e vinham.

— Mas se eu subir mais a água, ela vai chegar nas árvores.

— Aumentar o nível da água é a única saída? — Uma voz diferente se aproximou por trás da moça, como se saída do horizonte em alto-mar.

Seu corpo era de um humano, porém a cabeça estava rachada ao meio. Não havia sangue ou carne, mas ali miniaturas de planetas levitavam, rodeados de estrelinhas e protegidos por uma casca, que parecia ser pele e osso ao mesmo tempo. Era como se aquele ser fosse o próprio universo.

— Foi a primeira coisa em que pensei. — Àquela altura, a moça nem se deu ao trabalho de perguntar quem a figura era. As coisas chegaram ao nível de

estranheza que já não mais pedia por explicações. Se fosse outro personagem, ela estaria de parabéns por ter imaginado um ser tão bonito e profundo.

— Nem sempre a primeira saída é a melhor. Tente pensar em outra coisa.

— Por que você não me ajuda?

— Porque a dona da história dessa baleia é você. Então você escolhe como as coisas acontecerão.

— De novo essa coisa de que eu mando nisso tudo?

— Verdadeiramente, ela já havia aceitado o fato, mas sentia-se ligeiramente incapaz de cuidar de tantas vidas.

— Você manda até nele... — o lobo apenas sussurrou, mas a moça pôde ouvir.

— Eu não mandei que ele viesse até aqui. Nem que a baleia encalhasse. Nem que aquele lobo existisse. Muito menos que esse tanto de gente me espiasse — terminou, apontando para as árvores. O menino de olhos tristes pisou na água, testando a temperatura, mas não se aproximou. Ele gostava de praias, disse a moça já sabia. Ela também sabia que sua história não estava nem perto de terminar, e sentiu dor por todas as perdas que ainda estavam por vir.

— Às vezes as coisas surgem sem você precisar fazer esforço. Mas, a partir disso, é seu papel continuar e terminar todas essas histórias. — Depois de refletir em segundos sobre toda a história do menino de olhos

tristes, a resposta do Ser pareceu redundante. Ela nunca havia visto aquelas pessoas, mas já sabia tudo sobre eles, sem nem fazer esforço. Os outros ali presentes e ela mesma pareciam mais do que uma família. Eram quase como uma pessoa só, mas sem ser exatamente isso. Explicar parecia complicado demais.

— Ah, tudo bem. As coisas aparecem porque querem, então eu sou obrigada a continuar com elas?

— Não. Nada aparece porque quer. Você cria sem saber que está criando. Quando se dá conta, as ideias já estão ali. E você não é obrigada a continuar nada, mas, no fundo, quer.

— E você pode dizer o que eu quero, agora?

— Eu sou parte de você. Eu sou todos os mundos e vidas que você já criou, e todos os que ainda criará, então sei o que você quer.

— Nós não estamos na Terra, né? Estamos dentro de mim. — Nem esperou alguém dar uma resposta. Ela já sabia da verdade, e a aceitação se instalou, trazendo consigo a vontade de abraçar tudo aquilo. — E eu sei de tudo isso, todo esse povo e essas histórias existem dentro de mim, e ninguém nunca ficará sabendo? Digo, ninguém *real*.

— Essa é outra escolha que apenas você pode fazer. Se quiser, pode compartilhar as *nossas* histórias com outras pessoas. — Por segundos, a moça desejou

nomear aquele Ser de imaginação, mas isso parecia clichê demais. — Pense novamente no que fazer sobre a baleia.

— Posso diminuir seu tamanho até que ela esteja em alto-mar, e depois voltá-la ao normal?

— Se você escolher realmente salvá-la, sim. Nem tudo precisa ter um final feliz.

A Guardiã

Silas Miguel

Boa parte da vida de Estevão foi marcada por tragédias.

Não que sua vida tenha sido algo ruim, longe disso, ele era feliz, bem sucedido, não era rico, mas tinha posses. Era bem de vida. Tinha família, um bom carro, não era o do ano, mas com frequência costumava trocar. Ele viajava para onde queria nas suas férias junto de toda a família e ao menos uma vez por mês eles jantavam fora. Seu bom emprego lhe permitia essas regalias. Estevão era um vencedor, pois lutara para chegar aonde chegou.

Mas o fato é que em sua vida havia um histórico de acontecimentos ruins. Sua mãe morreu quando ele tinha apenas seis anos em um acidente automobilístico. O carro invadiu a pista contrária quando o pneu estourou e antes de chegar aos campos de trigo que margeavam a rodovia, um caminhão atingiu em cheio o lado direito do carro. Estevão estava na cadeirinha de transporte e teve pequenas escoriações. Ele estava bem preso ao cinto de segurança e mesmo o carro tendo capotado as quatro vezes e o lado direito ter sido completamente destruído, ele não sofreu mais que uns leves arranhões. Seu pai ficou inconsciente por dois dias, mas sua mãe foi quem

levou todo o impacto. Antes de tudo acontecer, Estevão viu algo que nunca esqueceu e se repetiu em algumas ocasiões posteriores. Antes de o pneu estourar, uma menina sentou-se ao seu lado direito, justamente onde o carro sofreu a batida. Ele por não entender muita coisa, sorriu para ela e perguntou quem era aquela doce garotinha. Seus pais não ouviram a pergunta por ter sido feita justamente no momento em que o pneu estourou. O fato é: ela sentou-se bem ao lado dele justamente na hora em que tudo aconteceu e ele saiu ileso. Com o tempo ele começaria a perceber com mais frequência aquela menininha durante a sua vida.

Seu pai faleceu mais tarde. Estevão tinha dez anos quando estavam em uma viagem de trem, indo para o sul, onde passariam as tão aguardadas férias. A ausência de sua mãe era notável, mas seu pai fazia um bom trabalho e se empenhava.

Ambos estavam sentados nas confortáveis poltronas, olhando a paisagem que corria pelas janelas quando ela apareceu. Já haviam se passado quatro anos e ela não pareceu ter envelhecido nenhum dia. Roupas brancas, bem vestidas. Ele tinha a impressão de que podia até sentir um leve perfume quando ela chegou. Seu coração palpitou com força em seus braços os pelos se arrepiaram. Ela sentou-se à sua frente e sorriu. Um sorriso amigável de alguém que há muito tempo não o via. Era agradável aos olhos e transmitia uma segurança e calma; mas dadas às circunstâncias do último

encontro, Estevão se sentiu um tanto enjoado e com mal estar. Não sabia o que estava por vir, mas teve um mau pressentimento.

Tais pensamentos ocorreram em pouco menos de cinco segundos desde a chegada da agradável garotinha, quando sentiu um baque forte e um terrível som de ferro retorcendo. Seu pai o agarrou e Estevão teve a leve impressão de ouvi-lo dizer em meio ao estrondo e aos gritos de que tudo ia ficar bem.

Os vagões foram descarrilando um a um e se retorcendo. Após algum tempo, Estevão conseguiu discernir gritos e estalidos em meio aos braços de seu pai, que o protegia. O vagão em que estavam neste momento se encontrava com o teto sobre o chão e as rodas a olhar ao céu. Bagagens, pertences, pessoas, tudo junto num emaranhado de gritos abafados, choro e soluços. Os braços de seu pai estavam sobre ele, firmes, exatamente como pretendia. Ele se certificou de que o filho estava bem e tentou se levantar. Algumas bagagens estavam sobre ambos, e também braços e pernas inertes.

Havia sons além dos que as pessoas emitiam. Parecia metal se retorcendo ainda e gradativamente começou a aumentar. O pai de Estevão se preocupou com o que poderia ser e com certa dificuldade procurou terminar de quebrar o vidro da janela mais próxima que, não se sabe como, estava praticamente intacto.

De repente um estrondo e o trem estremeceu, começando a se mover, novamente para frente. Assombrado com o que poderia estar acontecendo, o pai de Estevão chutou o vidro com força até ele abrir uma fresta com tamanho suficiente para o filho passar. Enquanto Estevão estava deitado, ainda em choque, assistindo o desespero de seu pai em arrancar o vidro, ele a viu novamente, sentada ao seu lado, olhando dele para o pai, com um olhar tristonho. Finalmente o pai o tomou em seus braços e o colocou fora do vagão, antes de o mesmo começar a se mover com força. Ao som de protesto do filho, o pai de Estevão tentou sair pela mesma abertura, mas o trem já se movia novamente e com velocidade. Os pés ficaram presos nos estilhaços e ele foi arrastado juntamente com toneladas de ferro, metal, madeira, bagagens e seres humanos. Os vagões iam um a um descendo no abismo onde há pouco tempo havia uma ponte. Os gritos foram abafados pelos sons do metal contra metal, pedra e cascalho. Em choque, Estevão assistia seu pai ser arrastado e sumir quando o vagão desceu o abismo.

O socorro demoraria a chegar e ele ficaria ali, junto de mais algumas pessoas que também conseguiram sair em tempo e se questionavam se o melhor teria sido estar dentro dos vagões em direção ao precipício.

Aos dez anos de idade, Estevão ficou órfão de mãe e pai. Foi morar com seus tios, respectivamente irmão e

irmã de sua mãe e seu pai. Com o passar dos anos, novos e trágicos momentos passaram a fazer parte de sua vida e ele começou a se considerar um privilegiado por chegar tão perto da morte e sair quase sem arranhões. Ele passou de assustado e chocado para aliviado e grato, considerando-se sempre sortudo pelas oportunidades que recebia.

A ambiguidade de sua vida foi o que o tornou bem sucedido. Em meio a tantas tragédias, ele saía cada vez mais fortalecido e sentindo-se cada vez mais vivo, trazendo um novo gás e, com isso, o empenho para se tornar um profissional excelente e bem de vida.

E não importava onde ele estivesse, todos os anos tinha no mínimo duas novas histórias para contar. Japão, Escócia, Irlanda, Egito, Rússia, Alemanha, Nova Zelândia, Estados Unidos, Canadá, México, Austrália. Aonde quer que ele fosse, passear ou até mesmo a trabalho, haveria uma nova história de sobrevivência. Passou a fazer parte de sua rotina escapar praticamente intacto a tudo isso. Mas havia um detalhe que ele sempre omitia. Sempre. Não era algo que quisesse contar. Primeiro porque não acreditariam. Segundo, era algo muito íntimo e que sempre lhe trazia segurança.

Em todas as ocasiões desastrosas de quase morte, ele sempre a via. Aquela mesma garotinha lhe trazia um conforto sem tamanho. Ele se entristecia sim, pois sabia que quando ela aparecia era para lhe proteger por algo

tão ruim estar prestes a acontecer. Ela era o seu anjo da guarda. Se algum dia ela simplesmente não aparecesse, neste dia sim ele sentiria medo da morte, pois sabia que não haveria mais proteção e estaria imune, completamente vulnerável ao que quer que lhe pudesse ocorrer.

Ele tentara conversar com ela algumas vezes. Certo dia quase conseguiu. No começo ele tinha medo daquela presença, mas depois que ele mesmo quase tirou sua própria vida, afundado em uma depressão maligna após a terrível morte de sua noiva, começou a beber e se tornou usuário em drogas. Foi talvez a pior fase de sua vida, e foi aí que ela novamente apareceu. Estevão a xingou, dizendo que não precisava da compaixão ou da guarda dela. Ele ia se afundar da maneira que bem entendia e ela não podia fazer nada. Ele a enojava. Mas mesmo após ter cortado seus pulsos, perdido mais de um litro de sangue e quase entrado em coma (quando a primeira tentativa falhou) por uma overdose, ele se deu conta de que aquela garotinha era insistente e de que havia algo a mais para ele ali.

Com a mesma facilidade com que iniciou as bebidas e as drogas ele se livrou de ambas. Ele havia tomado este caminho por pura depressão e vontade de dar um fim a tudo da pior maneira, mas após conhecer a enfermeira Lana tudo mudou e sua vida se renovou. A partir daí ele passou a agradecer a cada momento em que aquela garotinha lhe fazia uma visita.

Ele tentou algumas vezes entrar em contato, mas ela nunca respondia, apenas o encarava, às vezes com olhar tristonho, as vezes com olhar confortante. Mas de fato, ela sempre estava lá. E isso para ele já bastava.

Certa noite, quando estava em um voo internacional, voltando para casa após uma importante negociação para a Corporação Azarello, empresa a qual trabalhava, sentou-se em sua poltrona, na classe executiva, despesas totais a cargo da companhia, reclinou-se, colocou seu fone de ouvido e apertou o botão *play* que no mesmo instante iniciou a reprodução de *Leaving on a Jet Plane*, de John Denver. Enfim estava voltando para casa, após uma semana agitada e extremamente estressante.

Todas as vezes que ele pisava em um avião sentia certo frio na espinha. Ele já havia se acostumado com essa sensação, mas ainda assim, levando-se em consideração de que todos os anos algo acontecia, ele sempre estava com um pé atrás. Se sentia seguro quando a via, mas sentia o medo de um dia não vê-la e ser esse realmente o seu fim.

Por viajar tanto em aviões, ele ainda se admirava por no máximo ter passado por algumas turbulências, mas nada muito sério e perigoso. Nenhum incidente mortal.

Até aquele momento.

Após um longo tempo de voo, que Estevão não percebeu passar devido seu profundo sono, acordou com a boca seca e a necessidade de tirar água do joelho. Após isso, andou pela cabine a fim de esticar um pouco as pernas e fazer o sangue circular. As luzes da cabine estavam apagadas, restando somente a iluminação azulada auxiliar por onde os comissários atendiam aos passageiros e os pequenos televisores atrás das poltronas.

Estevão foi até o fim da cabine e subiu as escadas, passou pelas galleys traseiras e adentrou a cabine da classe econômica do andar superior. Ele não sabia o que era exatamente, mas havia algo diferente ali; estranho. E estava com medo. Talvez estivesse estudando o avião, caso um possível acidente ocorresse ele estar no lugar mais propício para sobreviver. Ele já tinha escutado diversas vezes que o fundo do avião é o mais aconselhável para viajar, mas não era ele quem pagava as passagens, apenas ia e vinha quando a empresa mandava.

Mas ele estava ali agora, procurando o melhor lugar para o momento. Ele não sabia o porquê, mas sabia que iria acontecer e estava tenso. Não que nunca estivesse, afinal ele sobrevivia a acidentes todos os anos, mas nunca sentira aquilo antes dentro de um avião. Temia que se aquele enorme tubo de dois andares, pesando quase 570 toneladas, com cerca de 780 pessoas a bordo viesse abaixo, colidindo com o chão, provavelmente ele não sobreviveria, a não ser que seu

anjo da guarda, ou anjinha, o tirasse dali voando. Que ironia.

Encontrou algumas fileiras vazias dentre as dezenas de pessoas que ocupavam aquele salão, e discretamente sentou-se.

Estevão não sabia ao certo quanto tempo havia se passado. Alguns minutos, talvez algumas horas. Mas estava ali há tempo o bastante para começar a pegar no sono novamente. Ele não achava ser algo estranho dormir tanto no avião. Sentia-se sonolento sempre que pensava em entrar em um.

Foi justamente por esse sono incomum que ele não ouviu o aviso do comandante para que todos apertassem os cintos e nem mesmo percebeu quando todas as luzes da aeronave se apagaram por completo. A única coisa que o tirou de seu sono profundo foi o solavanco e o sentimento de queda livre. Seu corpo foi arremessado em direção aos bagageiros e jogado novamente de volta as poltronas.

A essa altura as máscaras de oxigênio já haviam caído e uma imensa fenda se abria na fuselagem. Mesmo com os gritos e todos os sons impactantes, ele ainda conseguia ouvir parte da cabine se despedaçando e se desprendendo do corpo do avião, se rasgando como uma frágil folha de papel.

O que estava acontecendo era óbvio. Mas o que causou o acontecido era a questão.

Talvez um mero acaso do destino. O fato é que estava ele mais uma vez preso a um acidente. Mais um para sua coleção macabra, mostrando uma ambiguidade sinistra, onde todos os anos se envolvia em tragédias que quase lhe tiravam a vida e depois se tornavam mais uma história de superação e assombravam suas lembranças.

La estava ele mais uma vez. Agora despencando do céu a quilômetros por hora em direção ao chão.

Ele não conseguia pensar em nada mais a não ser no pânico que aquela situação causava. Sim, ele estava com medo. Medo de morrer. Medo de sentir a morte se aproximar. Medo de sentir dor. Medo do outro lado, do desconhecido. De não saber para onde ele seria enviado, se seria enviado a algum lugar. Medo de tudo se acabar e não sobrar nada depois. Medo de abandonar a vida sendo tão jovem. Não ver os filhos crescer, prosperarem. O único sentimento era o medo.

Seu medo era tamanho que ele não a viu se aproximar, em meio a tantas pessoas desesperadas, algumas até sendo arremessadas para fora. Essas imagens lhe tiraram da realidade e o tempo de repente pareceu parar.

Tudo congelou, os barulhos cessaram. O tempo se ausentou.

O avião estava vazio e intacto, com suas luzes acesas e somente ele estava ali, estático, como se estivesse em pleno voo tranquilo e calmo ou firmemente pousado no chão.

Então ela veio, de lá da frente, caminhando. Ela a viu andar pelo corredor, passando distraidamente suas mãozinhas pelas poltronas estofadas e chegou próximo a ele. Sorriu e sentou-se delicadamente sobre a poltrona. Ela suspirou como quem espera algo.

Estevão estava confuso. Por que tudo voltara ao normal? Estava morto? O avião de fato havia se chocado contra o chão? Ele não sabia, mas o que quer que fosse ela estava ali, com ele. Sua protetora. Sua guardiã. Seu anjo da guarda desde que ainda era uma criança, e agora sentia como se finalmente tivesse a oportunidade de falar com ela, ouvi-la e agradecer por tê-lo protegido por tanto tempo.

Ele estava um tanto sem jeito e não sabia por onde iniciar aquela conversa, mas de fato algo tinha de ser dito. Era como se ela também estivesse esperando por este momento há muito tempo.

Ele pigarreou; ela o encarou.

— Não sei nem por onde começar. — Disse ele.

— Comece por onde achar melhor! — Respondeu ela com voz doce.

Ele se ajeitou na poltrona.

— Gostaria de agradecer por ter cuidado de mim todos estes anos! — Disse ele, ainda sem jeito.

Ela não disse nada. Apenas continuou ali esperando, observando-o.

— O fato é que eu já passei por tantas coisas e esperei fielmente para um dia você me concedesse a oportunidade de sentar-se ao meu lado. Obrigado.

Nenhuma palavra.

Estevão começou a se sentir um tanto desconfortável. Esperou a vida inteira por aquilo e agora nada? Ele olhou ao redor, para o avião praticamente novo.

— Eu estou morto?

— Não. — Respondeu ela, com doçura.

— Mas então, que lugar é este?

— Você está em um local onde não ficam nem os vivos nem os mortos. Está num espaço neutro entre os dois. Um local onde não há tempo. Um local para meditar. — Disse ela com simplicidade.

— Mas é real? — Questionou ele confuso. Ela riu.

— Sim, é muito real.

— E foi você quem me trouxe até aqui?

— Sim. Achei que seria um bom lugar para conversarmos. Pode não parecer, mas há muito tempo também aguardo para finalmente poder falar com você.

— Mas eu ainda estou no avião?

— Sim.

— E ele ainda está caindo?

— Sim. — Todas as palavras que saíam de sua boca eram serenas e traziam um conforto pela tranquilidade da menina. Algo que somente os anjos podem causar.

— Mas, logo o avião vai chegar ao chão, então eu estarei morto. — Disse ele, agitado.

— Estevão, o *seu* tempo neste momento está parado. Eu te trouxe justamente para dentro do mesmo avião, na mesma poltrona em que está sentado para que quando voltasse para o seu plano, você soubesse que tudo isto *é* real. — Explicou ela. — Mas nós podemos ficar aqui por horas na sua concepção, quando você voltar nenhum segundo a mais terá se passado.

Estevão encostou a cabeça na poltrona, tentando digerir tudo aquilo. Estava entre o mundo dos vivos e dos mortos. Aquilo era demasiado estranho. Difícil de crer.

— Por que somente agora você me deu um tempo de sua atenção? — Questionou ele.

— Achei que finalmente estávamos prontos para esta conversa. Embora eu tenha adiado muito. Mesmo

assim também esperei pacientemente e, acredite, quando se trata de esperar em um local como este, você pode realmente enlouquecer se não estiver realmente preparado. — Ela soltou uma risadinha gostosa de ouvir, para quebrar o gelo.

— É estranho, sabe, — disse Estevão — quantas pessoas têm a possibilidade de passar por tantas coisas como eu passei e ainda sobreviver, e mais ainda poder olhar para o anjo que te guarda e conversar com ele, poder agradecer cara a cara. Quantas pessoas têm essa oportunidade?

Ela não respondeu. Olhou-o com um sorriso discreto.

— E no momento, mesmo estando aqui, mesmo sabendo que este avião está caindo, eu *sei* que vou sobreviver... porque *você* está aqui! Guardando-me, me protegendo. Só gostaria de dizer a você, *obrigado*.

Ela olhou-o fixamente antes de responder.

— Sabe Estevão, a vida é engraçada. As pessoas acham que têm o controle de tudo e se não fossem as interferências dos anjos, do destino e de tudo o mais, o que seria delas? — Questionou ela.

— Estariam mortas em pouco tempo. — Respondeu ele, distante.

— Eu já vi muitas coisas, durante muitos anos. Eu conheço os homens, conheço o coração das pessoas e

mesmo assim sei que muitos podem mudar. — Refletiu ela. Ainda havia uma doçura em sua face, mas sua voz já havia adquirido um tom mais sério. — Durante anos observo vocês, seres humanos, e tudo o que têm feito. Conheço suas emoções tão bem quanto vocês mesmos.

Estevão estranhou aquele discurso. O que ela pretendia?

— Aonde quer chegar? — Questionou ele.

— Você acredita que é o único que pode me ver, mas não é. Muitas pessoas podem me ver, Estevão. — Explicou ela. — Poucas me viram tanto quanto você, eu confesso, mas o fato é que mesmo que nem todos me vejam, *todos* me conhecem.

— O que quer dizer? — Estevão estava intrigado.

— Todos os povos deste mundo, cada vida, algum dia já me viu. Muitos fogem de mim, outros me procuram de bom grado. Eu tenho muitos nomes de acordo com cada povo, cada crença, mas a verdade é que me conhecem por apenas um fato, qualquer que seja o ritual o qual me aplicam. — A expressão graciosa dela se transformou para alguém que está prestes a dar um ultimato. Sua voz já não era doce, mas quase fria e soava poderosa para uma menina como ela. — Você tem razão, Estevão, eu sou um anjo... mas não sou seu anjo da guarda. Eu sou o anjo da *morte*. *Eu sou a Morte*, Estevão.

Estevão de repente começou a suar frio. Começou a tremer. Um pavor descomunal o invadiu. Agora tudo fazia sentido e era apavorante ao mesmo tempo. Todo esse tempo. Ela não estava ao seu lado quando o acidente tirou sua mãe. Ela veio buscá-la. Tal como a seu pai. Assim como também a todas as demais pessoas dos acidentes que ele milagrosamente escapava. Agora, ele via a Morte, sentada ao seu lado como uma doce e graciosa garotinha, conversando com ele. Por quê? O momento dele finalmente tinha chegado.

Estevão começou a balbuciar algumas palavras, ficou completamente perdido, mas antes de dizer qualquer coisa, a garotinha se adiantou:

— Não se assuste, Estevão. — Disse ela. — Não precisa ter medo. Eu trouxe você aqui para que pudéssemos conversar.

— Ok. — Disse Estevão.

— Sei que deve ter muitas perguntas, mas eu afirmo a você quem eu sou. ***Eu sou a Morte.*** — Afirmou ela com autoridade. A forma como ela falava agora era intimidadora. Aquela figura angelical estava sim começando a se afastar da mente de Estevão. — E suponho que você também deva pensar “por que tomar a forma de uma figura inocente como uma criança?” Por que atribuir a ela um peso tão grande como esse? Por que dar a uma criança o fardo de tirar do mundo todas as almas viventes e conduzi-las a um novo lugar?

Sim. Essas eram as perguntas que Estevão fazia. Mas ele nada respondeu, apenas esperou.

— E por que não, Estevão? — Questionou ela. — Por que não assumir tal forma? Para as pessoas eu sou um símbolo de maldade, de ruindade, de injustiça. As pessoas sentem medo ao saber que um dia irão se encontrar comigo, a qualquer hora, em qualquer lugar. As pessoas deste voo estão com medo, Estevão. Você agora está começando a temer que seu encontro casual com a Morte possa culminar em seu fim.

“Durante anos eu fui exatamente assim: cruel e impiedosa. Não tinha conhecimento de suas emoções e o quão elas podiam ser poderosas. Eu vi muitas guerras. Aliás, eu assisti todas as guerras entre todos os povos deste mundo. Eu presenciei injustiças, tirei almas que seriam inocentes e poderiam ter tido uma vida melhor, enquanto deixei para trás muitos que mereciam partir. Mas foram justamente as guerras que me fizeram mudar. Foi o fato de ser obrigada a estar presente em tantas batalhas injustas e ver tanto sangue derramado que eu comecei a me transformar. Ao olhar mais para seus sentimentos e para a vida ao invés de somente a morte, para mim mesma. Eu tive de vir buscar pessoas que se entregavam a mim a fim de reencontrar seus entes queridos que morreram nas guerras. E eu as levava. No início sem dó. Mas depois de muito tempo, centenas, milhares de anos, comecei a sentir este peso e senti que precisava mudar.”

“Abandonei minha primeira forma e passei a vir de outras maneiras. Muitas pessoas me viam, me reconheciam e me temiam. Até que adquiri esta, que você tão bem conhece. As pessoas não sentiam mais medo ao me vir chegando. Não se sentiam acuadas diante da minha presença. E também muitos já não me sentiam por perto. Com o tempo eu passei de fria e cruel a acolhedora calorosa. Me tornei mais leve. As pessoas que estão prestes a deixar seus corpos não sentem mais medo, pois a imagem de uma garotinha serena e angelical não trazia o peso de uma enrugada senhora, medonha aos olhos, mal vestida e sedenta por cumprir o seu trabalho. Eu aprendi com a humanidade a ter a minha própria humanidade, mesmo nunca tendo habitado um corpo físico. Eu trago o conforto no momento da partida e não o desespero. Eu trago uma solução para aqueles que estão sofrendo, trago alívio. Eu os conduzo com calma e não com severidade. Eu os transporto de um lugar ao outro, não os jogo daqui para cárem ali. Eu tranquilizo. Eu trago paz. E as pessoas, sentindo-se tranquilizadas e com a certeza de que tudo ficará bem, elas deixam o corpo. Com isso, todo aquele peso das almas injustiçadas, tiradas a força e tirania, arrancadas de suas vidas, abandonam a minha presença e eu sou exatamente como você me vê: um anjo.”

Tudo o que ela falava fazia sentido. Estevão permitiu com que todas as palavras fluíssem sobre si. Ela não era injusta. Ela não era pesada. Ela era apenas

alguém fazendo o seu trabalho, mas sobre uma nova perspectiva, e aquilo tirou de Estevão aquela imagem medonha que ele tinha. E assim, ele sentiu certo apreço por ela estar ali, mesmo que aquele ser que o ladeava na poltrona já tivesse carregado consigo todas as criaturas que já se foram.

— Como se sente? — Perguntou ela, adquirindo novamente um tom doce em sua voz.

Estevão olhou para ela e sorriu.

— Agora, incrivelmente bem. — Ele suspirou aliviado. E era verdade. Ele estava sentindo como se um peso enorme fosse tirado de cima dele e somente a presença dela causava isso.

Mas algo não fazia sentido para ele. Em algumas de suas experiências de quase morte, ele havia visto, além de sua ex-anjo da guarda, um ser encapuzado, de manto negro cobrindo os pés, trazendo uma sombra consigo e uma enorme foice. Estevão lembrava da sensação e do desconforto de ter visto aquele ser e sentido o peso do mundo sobre si mesmo. E foi justamente a presença da garotinha que trouxera a ele conforto, por saber que estava protegido. Agora, ele descobre que ambos eram o mesmo ser. Seria possível? Mas então, quem era aquela criatura medonha que ele havia visto algumas vezes, já que ela *era* a Morte?

— Há algo que não entendo.

— O quê? — Questionou ela.

— Você disse que abandonou sua forma medonha há muito tempo. E eu sempre a imaginei sendo alguém de manto negro encapuzado. Eu já a vi assim.

O sorriso dela desapareceu e uma sombra percorreu seu rosto. Ela pareceu temer ouvir aquela descrição.

— Não foi a mim que você viu nesses dias turbulentos. — Disse ela e Estevão percebeu que ela desviou o olhar, como se quisesse se distrair de algum pensamento sombrio, procurando um novo foco o qual encarar.

— Quem era aquela figura então? — Insistiu ele. Seus olhos novamente se encontraram e ele percebeu um temor sobre os olhos dela.

— O Ceifeiro. — Respondeu em tom de alerta. — Ele é a sombra do que eu já fui um dia, mas toda a crueldade que eu reneguei passou a alimentá-lo. Ele usa o manto negro sombrio, trazendo o medo e o peso de todas as almas que já arrancou de seu mundo. Eu trago paz às pessoas e faço com que partam com tranquilidade, mas ele usa sua foice para arrancar, expulsar com crueldade e severidade aqueles que estiverem em seu caminho. Você já deve ter visto pessoas que estão em pleno vigor e saúde e de repente caem, completamente sem vida. Esse tipo de coisa é obra dele, não minha. Ele

está longe de ter qualquer sinal de bondade. Ele leva, além dos que com ele cruzam, todas aquelas pessoas que têm raiva no coração e vivem uma vida turbulenta, de maldades. O Ceifeiro não perdoa. Ele não descansa. Ele faz o que nasceu para fazer: ceifar todos que atravessam sua passagem quer sejam bons, inocentes, pobres coitados, ou maus. Diferente de mim, ele é atraído, ele é *chamado* por muitos. Ele se alimenta de desesperança, de tristeza, de ira. Corações maldosos são os que atraem sua atenção. Mas não se engane, Estevão. Ele aparece onde quer que haja a oportunidade. Até mesmo *aqui*, neste voo.

Um assombro percorreu o olhar de Estevão. Não queria encontrar jamais aquela criatura, ainda mais agora sabendo de quem se tratava.

— Mas não se preocupe. Não há o que temer. Mesmo a Morte também tem aqueles a quem ela tem certo zelo. Não é o seu momento e ele não lhe fará nenhum mau. Ele pode ser cruel, mas sabe respeitar os limites impostos por aqueles que estão acima de nós.

Estevão ficou surpreso. Mas decidiu não falar mais sobre o assunto. Isso lhe dava calafrios. Além do mais, enquanto refletia sobre aquele encontro, outras perguntas vieram à tona. Havia dúvidas em seu coração. Dúvidas antigas que precisavam ser respondidas.

— Diga-me... Você me acompanhou a vida inteira, praticamente.

— Sim.

— Em algum momento, chegou a cogitar a possibilidade de me levar?

— Diversas vezes. — Respondeu ela, com firmeza.

— E por que não levou? — Indagou Estevão. Ela, porém, sabia onde ele queria chegar.

— Você está se referindo sobre quando Léia morreu e você se afundou em ódio e desespero. — Aquilo definitivamente não era uma pergunta. Ela sabia sobre o sentimento dele.

— Sim. — Respondeu Estevão, com certa amargura. — Eu fiquei esperando pela morte, e no fim você realmente veio. E não me levou.

— Você disse que me enojava. Mandou-me ir embora. — Lembrou ela.

— Eu estava confuso. Não sabia que você era... *você*. — Disse ele. — Por que não me levou?

— Você era jovem, Estevão. Ainda tinha esperança. — Explicou a Morte.

— Mas você a levou. Léia morreu de forma dolorosa. Ela não queria partir, ela queria ficar. Nós deveríamos envelhecer juntos. — Ele estava ficando cada vez mais amargo. — *Por que você a tirou de mim?*

— A forma como você fala, sinto que há uma acusação. Como se eu fosse a culpada pelo sofrimento e

pela dor que ela sentiu. Mas não, Estevão. Eu sofri junto com ela e foi isso que me fez ir até ela, pegar na mão trêmula e mostrar que havia uma forma de este sofrimento acabar. O câncer acabou com a carne dela, mas eu mostrei que havia uma maneira de aquilo tudo parar. E ela aceitou.

— Ela me amava. — Afirmou ele.

— E amou até o último momento, Estevão. Era por sua causa que ela sempre insistia em ficar, todas as vezes em que eu vinha buscá-la.

Estevão ficou pasmo. Então sua já falecida noiva recebeu novas oportunidades de continuar vivendo ao seu lado.

— Isto te surpreende, eu sei. Mas houve um momento em que eu mesma decidi que já era hora de aquilo parar. Ela ia enfraquecendo cada vez mais e era melhor aceitar partir do que aguardar um fim amargo e desnecessário. Entenda, Estevão, não sou eu quem faz com que as pessoas adoeçam, eu só estou encarregada de lhes trazer alívio, libertando elas de um fim ainda pior. Quando se tem um poder como o meu, você enxerga coisas, Estevão, coisas que não quer enxergar. Eu enxergo o futuro, e o que acontece se eu não vir buscar essas pessoas. A cada momento que me recuso a levar eu enxergo o que será dela e eu não podia permitir com que Léia, num coração tão bom, acabasse de uma maneira tão cruel como a que estava reservada a ela.

Estevão ficou em silêncio. Sua cabeça recostada na poltrona, olhando para frente.

— Não me enxergue como uma vilã, Estevão. Como um ser cruel e maléfico. Antes de levá-la eu a levei a um lugar semelhante a este, onde não havia tempo, onde não havia dor. Ela, ao ver que podia andar e que estava bela novamente, saudável, bem, chorou de emoção e foi então onde decidi dizer tudo o que ela precisava ouvir... e *ver*.

Estevão olhou para ela.

— O que quer dizer?

— Mostrei a ela o que eu havia visto. Mostrei a ela o quão difícil seria sua partida com tanto sofrimento, mais do que ela já estava passando. E ela viu você. Ela viu a dor que você sentiu e sua vida se destruir, sem vontade de amar novamente. Vocês não estavam destinados a ficar juntos, Estevão, e em algum momento eu viria buscá-la, mesmo contra a minha vontade. Então, tudo o que tive de fazer foi fazê-la entender e aceitar partir. E ela aceitou.

Estevão pensou sobre aquilo. Ele amava sua atual esposa, de verdade, mas nunca esquecer a quão sua noiva sofreu antes de falecer e aquela dor ainda apertava dentro do peito.

— Você fez o que julgou necessário. Acho que se eu visse tamanho sofrimento, também aceitaria ir embora. — Disse ele com amargura.

— Mas ela desejava te ver feliz. Que você vivesse uma vida plena, saudável e proveitosa. E ela ficou feliz por saber que você tornaria a amar novamente. — Disse a Morte, e acrescentou logo ao ver o desconforto dele ao ouvir aquilo: e não se sinta culpado por ter constituído uma nova família. Ela queria a sua felicidade, acima de tudo. Ela partiu em paz, Estevão, sabendo que você um dia voltaria a encontrar a paz também!

Estevão novamente se encostou na poltrona. Depois de todos estes anos ele pareceu finalmente encontrar a paz que lhe faltava. A Morte, obviamente por já conhecer todas as emoções e expressões humanas percebeu isso e também ficou aliviada por ter tirado este peso enorme das costas dele.

— Estevão, é chegada a hora. O tempo não pode parar para sempre. Nós precisamos voltar. — Disse ela.

Estevão sentiu um aperto. Em instantes ele estaria de volta, para o acidente. Uma coisa neste momento era clara: ele não ia morrer, ela afirmou isso a ele. Mas ela não podia prever quais sequelas ele teria a partir daquilo. E ele começou a temer isso também. Na verdade, a esta altura ele temia mais continuar vivo e com sequelas do que morrer de fato. Mas sim, o tempo precisava voltar a correr e a vida continuar.

— Está pronto? — Perguntou ela, com tranquilidade.

— Eu vou me lembrar disso? — Esta dúvida lhe ocorreu. — Ou vou achar que foi tudo um sonho?

— Você vai lembrar se quiser. Vai achar que foi um sonho se preferir. Ou pode aceitar que tudo isso aconteceu dentro da sua mente, nos momentos derradeiros. Sabe, é em momentos como este que as pessoas dizem que a vida passa diante de seus olhos. Mas você não precisará mais disso. Você ficará bem. — Finalizou ela.

— Como sabe? — Perguntou ele, esquecendo-se de que ela *podia saber*.

— Porque eu já vi. — Afirmou ela e sorriu.

Aquele sorriso permaneceria na mente de Estevão até o último dia. Foi através deste sorriso que o local onde estava iluminou-se por completo, um som agudo começou a crescer, sua poltrona voltou a tremer e tudo escureceu.

Os gritos voltaram. Os rangidos e sons de metal se intensificaram. Estevão estava de volta no avião real, aquele que estava caindo, em direção ao chão, com seus quase oitocentos passageiros.

Mas tudo ocorreu de forma tão rápida que ele não percebeu quando o enorme corpo metálico caiu de barriga, conseguindo por fim realizar um pouso de

emergência em terreno plano de difícil acesso. Sua mente foi para o vazio infinito, depois um turbilhão de cores e imagens sem sentido, pensamentos, sentimentos, lembranças. Tudo de uma vez.

Quando finalmente tornou a vez a luz, a dor o alcançou e aquele era o sinal que ele precisava para saber que sim, mais uma vez havia sobrevivido a um acidente em sua vida. Desta vez um dos maiores: um superjumbo Airbus A380 que despencou do céu e por um milagre fez um pouso emergencial nas planícies do Peru, próximo ao deserto de Nazca. Estevão gostava de sobrevoar aquele local de dia, por poder ver as figuras misteriosas desenhadas no chão, podendo ser distinguidas somente do alto.

Diversas vidas foram perdidas no acidente, mas os pilotos tiveram o auxílio de um milagre, pois o avião chegou ao chão praticamente inteiro. O que causou sua queda fora uma falha mecânica em uma das asas, explodindo a turbina e causando a depressurização.

A investigação levaria anos, mas Estevão neste momento só queria aproveitar sua família. Ele havia recebido mais uma oportunidade e após tudo isso ter acontecido ele esperava que sua vida escapando de acidentes houvesse chegado ao fim. Não que gostaria de morrer num próximo, mas ele já andara tempo demais na companhia da Morte e isso definitivamente tinha de parar.

Os anos seguintes da vida de Estevão se transformaram. Ele passou a ter mais tempo para sua família e não se envolveu mais em acidentes, e isso por si só já era uma grande dádiva. Mas às vezes ele se perguntava em que circunstâncias tornaria a ver ela novamente, sua ex-anjo da guarda, vulgo a Morte “em pessoa”.

Nos anos seguintes seus filhos, Michael e Isadora cresceram, se formaram, se casaram. E tiveram filhos.

E seus netos cresceram, também se formaram e se casaram. E também tiveram filhos.

Estevão já era bisavô quando uma enfermidade o acometeu, em decorrência da idade avançada e algumas sequelas de seu último acidente. Seu organismo nunca mais fora o mesmo e agora, na velhice, estes problemas só aumentaram.

Mesmo ele indo e voltando do hospital, se sentia bem consigo mesmo. Sentia que havia feito uma boa trajetória, educado bem os filhos, que passaram a boa educação aos netos. Se sentia realizado e ainda apaixonado por Lana, sua fiel companheira.

Ele sentia que aquela seria a pior parte, ter que partir e vê-la ficar, ainda mais durante a velhice. Sentia medo que ela não aguentasse.

Numa de suas complicações, retornou ao hospital e os resultados dos exames não eram nada bons. Mas ele estava em paz, e por incrível que pareça, Lana também.

Sua cama estava rodeada por sua família. Sua emoção ao ver aquela cena foi grande.

— Creio que agora já posso partir em paz e com a sensação de dever cumprido. — Disse ele em seu leito. — Minha família está unida e espero que permaneçam assim. Eu estou em paz.

E ali, de mãos dadas com sua fiel companheira, ele a viu chegar. Como um raio de sol iluminando o quarto naquela noite chuvosa, ela se aproximou pelos pés da cama.

Tantos anos haviam se passado desde o avião e ela não mudara em nada. Sorria de uma forma bondosa. Seus olhos transmitiam serenidade.

— Há quantos anos, Estevão! — Disse ela. Ele se viu sozinho no quarto, somente com ela. E estava inteiramente iluminado.

— Já faz tanto tempo e você não mudou nada! Eu, do contrário, envelheci. — Disse ele, com olhar admirado. Ela riu.

— Você está pronto. — Afirmou ela. E mesmo sem a necessidade, ele respondeu que sim.

— Olá, Lana! — Disse a Morte virando-se para a senhora sentada na cadeira ao lado. Estevão não havia percebido ela ali. Lana sorriu.

— Você também pode vê-la, então? — Perguntou Estevão, ligeiramente surpreso.

— Sim. Na minha profissão é comum ela aparecer. E eu sabia que ela logo viria e quis estar contigo neste momento de despedida. — Respondeu Lana, com suavidade. Estevão sorriu.

— Eu sempre estarei bem aqui. — Disse Estevão, apoiando sua mão sobre o lado esquerdo do peito de sua mulher: o coração.

Sim. — Respondeu ela. — E não se preocupe. Logo nos veremos novamente.

— Minha esposa. Minha companheira. Eu a amo muito. Para toda a vida! — Estevão aproximou-se e seus rostos se tocaram uma última vez.

— Estevão, chegou a hora. Temos de ir. — Disse a Morte.

— Nos veremos em breve. — Disse ele a sua mulher.

Estevão se levantou da cama e percebeu que já não estava mais com as roupas do hospital, mas vestia uma calça e uma camisa branca. Sentia-se pleno em saúde e cheio de vigor.

— Como se sente? — Perguntou a garotinha, estendendo-lhe a mão e sorrindo.

— Me sinto maravilhosamente bem. — Disse ele, sorrindo. Olhou mais uma vez para sua esposa, e esta lhe devolveu um sorriso maravilhado e deslumbrante. Então Estevão percebeu. Ele estava jovem novamente. Tornou a olhar para a cama onde estivera deitado, e esta estava vazia.

— Seu corpo está em outro lugar, Estevão. — Disse a Morte. — Aqui não vai mais precisar dele.

Mesmo já tendo a consciência disto, ainda assim sentiu-se um pouco nervoso.

— Eu já estou morto? — Perguntou, e sentia-se um tanto eufórico. Era diferente do que ele imaginava.

— Sim, Estevão. — Respondeu a garotinha. — Agora está.

— Lana... — Ele virou-se para a esposa, que ainda estava ali — Adeus, meu amor. Logo nos encontraremos novamente.

— Aguardarei até o último momento.

A pequena menina sorriu para Lana e segurando nas mãos de Estevão, ambos partiram. E Lana viu quando uma incrível luz resplandeceu sobre o quarto e revelou uma passagem com um caminho de colunas

ornamentadas e um arco acima de cada par das colunas formava um caminho por onde Estevão foi conduzido.

Longe da tristeza, longe da dor. A caminho da paz e da felicidade que agora durariam para sempre.

O efeito dos vitrais - a vela e a cera

Maria Eduarda Cardoso

I

As janelas de certas igrejas possuem vidros perfeitamente pintados. A luz que passa entre as cores e os traços dos vitrais se endereçam entre o espantoso e o divino, entre o sagrado e o desviante. Dado tal verdade a mim, coloquei-me a atentar sobre esse fenômeno, e quando fechei os olhos por um instante deixei a parcela de mediocridade que pairava sobre aquela terça-feira escorrer por entre os olhos alcançando o chão velho, porém firme da igreja, sentindo o calor da luz transpassada pela janela encontrando meu corpo. E é este fato, que parece tão simples e indiferente que me fez observar atentamente os efeitos de estar apaixonada por você.

II

A estrutura das janelas, os vidros das janelas, os pregos que sustentam as janelas e a tinta a muito tempo seca dos vitrais aniquilam toda a realidade, e, quando a luz transita e é tocada pelos vitrais da igreja, ela não é mais apenas uma onda eletromagnética ou simplesmente um

feixe de claridade. Ela não é mais ela pela simples eventualidade de ser tocada pelo vitral.

Toda a parcela concreta, racional e digna se derrete a ponto de inundar aquele monumento sagrado feito ceras recém pingadas de um castiçal de velas em chamas. E lá jogadas ao chão, as ceras admiram o vitral, o poder do vitral.

Derretida e enfeitiçada sinto os joelhos desejarem encontrar o chão amadeirado da igreja sempre, depois de toda vez que minhas células tocam as suas células. Penso, digo, rezo teu nome como se confessasse um pecado ao padre, e por fim vejo que te amo. Amo os efeitos e a ternura dos vitrais.

O diamante sabia que quebraria

Daniele Lopes

Ela estava ali. Sentada no alto daquele edifício. A cidade grande era enorme. Quando fugiu da fazenda da mãe, a garota com seus sete anos de vida, não pensava em como conseguiria se manter ali. Ela só queria fugir. No momento foi só isso que conseguiu pensar. Ela ainda se lembrava de como seu coração estava batendo forte contra seu peito, exatamente como estava batendo agora, com ela ali, observando a vida se passar lá embaixo. Ela tinha uma visão panorâmica de tudo. Às vezes tudo o que ela queria era nunca ter presenciado nada daquilo. Sua vida teria sido tão diferente. Mas isso a fez crescer e ser quem ela era agora. Só que nada tirava o fato de que sua mãe fora assassinada. Naquele dia na fazenda, a garota estava brincando com uns carrinhos na lama. A brisa estava forte e o vento batia na plantação de milho ao redor do local. Os pássaros alegravam a tarde ensolarada. Lá longe no pequeno rio, alguns peixes fugiam dos pescadores, os deixando inquietos e nervosos. Seu pai estava ali. Com dezenas de garrafas vazias, que antes havia um líquido amarelado. Ela não sabia o que era, mas aquele negócio deixava sua mãe irritada.

Ele passava o dia bebendo aquilo, só chegava à noite para exigir o jantar. A menina se irritava quando aquilo acontecia. Porquê sobriaria para ela também. Sua mãe a batia logo após, sempre que ela apanhava de seu marido. Ela acabava o serviço e logo chorava. Pedindo desculpas, falando à sua filha que havia perdido o controle. Ela também bebia do líquido amarelo. Talvez aquela garrafa, conseguia deixar as pessoas más e violentas. Os dois eram vítimas dela. Seu pai deixava sua mãe triste. Nos últimos dias, aquilo foi se repetindo muitas vezes. Toda noite que o seu pai chegava em casa, com um bafo forte, ela sabia que ele havia bebido aquele líquido em demasia. O ânimo da casa logo se cessava. Sua mãe também passava o dia bebendo aquilo. A menina tinha que se virar sozinha para poder comer. Isso parou de acontecer no dia em que tudo piorou. Seu pai arrombou a porta. E a menina não havia visto sua mãe beber aquilo há semanas, prometendo a si mesma que seria uma boa mãe e pararia com seu vício. Ela estava boazinha o dia todo. Lhe deu um bolo gostoso com café e a ajudou no banho. O dia fora um dos melhores que elas viveram há meses. Mas seu pai, arrombando a porta daquele jeito acabou com a paz do ambiente. Elas estavam na sala assistindo programas de desenhos, comendo sanduíches. E tiveram que parar, depois do susto que levaram. A garota viu que seu pai estava com as roupas rasgadas e sujo. O cheiro forte dele era notado de longe. Ela sentiu medo. Nunca havia o visto daquela

forma antes. Sua mãe começou a chorar, assustada. O pai da garota avançou. Gritando coisas incompreensíveis à menina. O que quer que aquilo significava, deixou sua mãe imóvel. A menina a chamou pelo nome, mas logo percebeu que fora lançada contra a estante da sala. Ela sentiu dor e lágrimas, de desprezo, brotavam em suas bochechas. Logo que conseguiu olhar nos olhos de sua mãe, esta a ordenou que corresse. A garota se levantou confusa. Viu seu pai socando a mulher no rosto, sem piedade. O nariz dela se encheu de sangue. Ele continuava a gritar com ela. E tudo que sua mãe falava era para que a menina corresse, até que soltou um grito. Bem forte. Um grito de dor. Isso a assustou. Aquilo no chão não era normal. Parecia com os machucados que brotavam em seus joelhos depois das milhares de quedas que ela levava ao andar de bicicleta. E logo que aquilo aparecia, doía muito. Sua mãe devia estar sentindo dor, também. A menina não conseguiria deixar sua mãe naquela situação e simplesmente fugir. Foi quando ela pegou duas garrafas com aquele líquido amarelo e as lançou contra seu pai. Ele caiu no chão e logo se levantou avançando em sua direção, como os cachorros enormes de sua vizinha avançavam em desconhecidos. A menina correu. Pela escuridão da fazenda enorme. Ela era rápida. Mesmo com seus pés implorando por descanso, ela continuou correndo para o desconhecido. Seu coração acelerava forte e sua boca foi ficando seca. Foi assim que ela fugiu da presença de seus pais, ainda criança.

Mas agora, ali no alto daquele edifício, a menina entendia tudo. Entendia o que sua mãe passava. E porquê ela se recusava a deixar aquela vida. Em partes porque não teria onde ficar, nem levar sua filha. Em outras, porque seria desonra à ela não ser mais casada. Era assim que tratavam as mulheres. Seus únicos destinos era se tornarem mães e escravas de seus maridos. A menina sentia revolta. Assim que foi entendendo tudo o que se passava. Outras pessoas boas da cidade grande ajudaram ela. Lhe deram moradia e comida em troca de serviço. Logo, ela estava com sua própria casa. Batalhou durante anos para conseguir ser livre de verdade. Ser independente. Ela ajudava outras crianças nos abrigos da cidade grande. Tinha seu próprio trabalho como educadora. E amava estar com as crianças. Ela estava cumprindo com seu juramento de ajudar outras pessoas a não passarem pelo o que ela havia passado. Conheceu outras pessoas incríveis em seu ramo de trabalho. Estudou bastante e foi construindo sua carreira. Tudo parecia um sonho. Até conhecer o homem que mudaria a perspectiva dela sobre a vida. Mesmo depois de anos, esse homem tentou a fazer passar por tudo aquilo de novo. *Terei que assumir o papel de minha mãe, agora? Preciso mesmo perdoar ele de novo por me machucar porquê o amo?* Pensou. Teria que superar esse trauma de novo. Antes que tudo piorasse, ela se assegurou de que ele jamais machucaria outra mulher de novo. A garota sabia que tinha o dever de fazer aquilo.

Ele bateu nela quando estava alterado. Foram três vezes. Ela não permitira que aquilo acontecesse novamente. No dia seguinte da última agressão, ela foi fazer umas compras no mercado. Com óculos de sol e um vestido longo. Ela lhe faria um jantar. Um dos mais caprichados de sua vida. E teria o prazer de assistir tudo. Ela queria ter tido o prazer de ter visto sua mãe tê-lo feito também. Agora ela vingaria as duas.

Ela chegou em casa e preparou tudo. Vestiu um de seus melhores vestidos, colocou um salto agulha e maquiagem. Ele chegou com chocolates e flores, novamente se redimindo. Dizia palavras de arrependimento e implorou que ela aceitasse suas desculpas. A menina o conduziu à sala de jantar, em seu apartamento, e lhe disse que estava tudo bem. Os dois conversaram coisas aleatórias e bobas, como num dia normal. Assim que ele terminou o macarrão gourmet que a menina fez, tomou sua taça de vinho e ela acendeu as velas. Leu à ele uma carta que havia feito à mão e disse a ele que olhasse embaixo de seu prato. O homem pegou o pequeno bilhete e a olhou assustado. A garota com coração de diamante, sorriu. Apagou a vela e saiu correndo. Ouviu quando o corpo dele caiu duro, da cadeira. Subindo no andar térreo, fitou a paisagem, como se estivesse voltando no tempo e observando a fazenda de seus pais naquele mesmo dia trágico. Hoje, esse dia trágico se repetiu, mas dessa vez ela não precisava fugir, só precisava pular

Escolhas

Beatriz Brieda Latança

Ao se tornar tudo aquilo que não era, ela morria. Começou aos poucos, quase imperceptível, pois, assim como ela viria a constatar já muito tarde na vida, algumas coisas são simplesmente terríveis demais para que possam ser notadas no momento em que ocorrem; somente depois, na reflexão de uma memória, e que se percebe, com uma surpresa indesejável, que se está em um mundo completamente diverso, sendo uma pessoa completamente à parte daquela que se desejou ser um dia.

Agora, já velha, com os nós dos dedos enrijecendo e os cabelos rareando, ela olhava para trás, para uma vida que desde muito cedo havia sido marcada pelo peso de escolhas que mal lhe cabiam. Não poderia se atentar a isso logo ao nascer, é claro, pois era um bebê, e como um possuía necessidades essencialmente primitivas, chorava por fome, por sono ou por dor; o choro pelas escolhas mal resolvidas só veio depois, com a longa estadia da maturidade. Hoje, porém, conseguia perceber que logo ao nascer já tivera seu campo de escolhas bastante reduzido. Por ser mulher, ela provavelmente não se tornaria piloto de avião, ou uma jogadora de

futebol profissional, pois não era isso o que a sociedade esperaria dela.

Já nos primeiros anos escolares, ela não tardou a descobrir que não possuía o menor talento para matemática, que era péssima em ciências e que, por mais que lutasse contra, sempre acabava dormindo nas aulas de geografia. Contudo, desde muito pequena, era extremamente cativada pelas aulas de português, e passava o mês todo aguardando pelo grande dia em que a professora levaria sua sala à biblioteca - sempre dois livros por vez, não adiantava implorar por mais. Lia, desde então, com a voracidade de quem necessita das palavras para sobreviver, e sempre possuiu uma caligrafia corrida e rabiscada, de quem tem ânsia de escrever. Passou a ouvir de todos que seria escritora um dia.

Ao completar 20 anos de idade começou a sentir o sufoco de ter que decidir o que iria fazer da própria vida. Dali em diante, sempre a mesma coisa; o que quer que escolhesse, seria definitivo. Gostaria sim de ser escritora, sentia que tinha vocação para isso - o lápis sempre à mão, diversas folhas rasuradas no meio dos livros - ela escrevia por prazer. Mas lhe foi inculcada a ideia de que carreira estava ligada a segurança, e não havia segurança alguma em trabalhar com a própria criatividade. *“Se escolher trabalhar com o que gosta, vai acabar não gostando de mais nada”*, a mãe lhe dizia. Assim, optou por uma faculdade qualquer, um curso que em nada lhe agradava. Passou os próximos cinco anos de sua vida com a cabeça

focada no diploma que penduraria na parede, e no o dinheiro que entraria no bolso.

Aos 40, já não escrevia mais, trocou o lápis por um teclado de computador. Passava 8 horas por dia sentada em uma cadeira de escritório que machucava sua coluna. Má postura, má disposição, mal tinha vontade de viver. Ia para o trabalho arrastando os pés. O diploma na parede só servia para juntar poeira, e depois de poucos anos, ela passava por ele todos os dias, sem nunca o notar. O dinheiro também estava longe de ser abundante, o suficiente para as contas e o supermercado. Despertou para a ideia de que escolhera, ainda que sem perceber, a pior opção, a de se matar para sobreviver.

Agora já estava velha demais para a carreira, e velha demais para voltar à escrita. Quando mais nada a restou, a não ser a solidude de uma senilidade calma, passava horas sentada em uma poltrona, repensando todas as escolhas que um dia tomou, e via, cada vez com mais clareza, o quanto estas a levaram a ser uma pessoa que nem mesmo ela própria reconhecia. Matou pouco a pouco a si mesma com as escolhas que se quer percebeu tomar, por pensar mais em papel timbrado e cédulas do que em suas necessidades intrínsecas. Perdeu tempo demais tentando ser quem jamais seria capaz de ser. Ser quem não era.

Tardou a perceber o quanto o tempo é indestrutível e complexo. Quando visto de perto ele

parece se arrastar perpetuamente, mas sob uma ótica levemente diferente, ele se torna veloz e indiferente. Quando visto de longe, o tempo passa rápido demais, e se torna impossível distinguir entre dia e noite, nascimento e morte, início e fim. Não há mais dualidade, não há mais “eu”. E ela desejava ter conseguido reconhecer antes que a vida, independente do que mais ela seja, ainda é muito curta.

Outras vozes
Outros Poemas

Viva vivendo!

Alex Nunes da Silva

Sinto que algo está errado!
Sinto que não estou vivendo e muito menos feliz
Com isso perguntas castigam minha cabeça
Estou vivendo do jeito certo?
O que estou fazendo de errado?
Por que não consigo ser feliz se vejo tantos sorrisos no
meu caminho?
Em minha mente todos os sorrisos são falsos
E estão ali apenas para manter aparências,
No fundo todos nós somos vazios.
Mas eu também estou vazio?
Vazio não, talvez perdido
Por tentar seguir um manual da felicidade imposto por
uma visão social
E esquecendo-se de ser apenas eu
Rindo de coisas idiotas e banais,
Sorrindo plantando uma árvore

Ou me apaixonando pelas pessoas, animais, plantas
Ou seja, pela vida simples do jeitinho que ela é
Cheia de altos e baixos
Alegrias e tristezas
E sem contar as lições para ser alguém melhor.
Então viva e não se pergunte os motivos para viver
Apenas viva!

A homenagem que não fiz

Alice Alves Pires

Era madrugada quando o Sr. Clóvis veio em minha
residência

Acordei desesperada e pensei: “Pronto. Chegou o fim”

Não sabia o que fazer

Chorar, gritar ou desaparecer.

Ao nascer do sol, já estava pronta

Para me despedir ou talvez para encarar

De que as pessoas que amamos um dia se vão

E isso jamais irá mudar.

A pele do cadáver estava fria

Estavam os amigos, parentes e os filhos

Para a última homenagem

Da pessoa amada.

O cadáver era do meu avô
Que tanto sonhou e me amou
O cadáver era do meu avô
Que tanto sonhou e me amou.

A vida é uma eterna surpresa
Ora choramos, ora nos alegramos
Mas o ditado é simples
Só vive quem se permite a viver.

Cheguei em casa com a cabeça baixa
Ao lembrar-me daquela faixa por cima do caixão
O meu avô era tão sorridente
Que hoje está por debaixo do chão.

A terra estava fria
Assim como o meu sentimento
As lágrimas que escorriam pelos olhos
Secaram-se com o tempo.

Não sei por onde seguir
Não sei por onde começar
Só sei que devo sorrir
Para o mal não me atizar.

O cadáver era do meu avô
Que tanto sonhou e me amou
O cadáver era do meu avô
Que tanto sonhou e me amou.

Os dois lados da vida

Aline Alves dos Santos

Há dias em que acordo com as batidas repetidas de
enxada ao solo seco da terra vermelha, manchada de
sangue.

Quantas vidas que ficam aqui, que constroem ali sua
última morada.

Quem elas eram?

O que passaram nessa vida?

São tantas as almas, adoradas e esquecidas.

Esse lugar que para muitos é sombrio faz parte da
minha vida, de minha rotina.

Já me acostumei com o cheiro, com as pessoas e suas
origens.

É estranho como tudo acontece, nosso corpo se
deteriora de tal forma que fica impossível seu
reconhecimento.

Pois bem, a morte é assim, nos deixa de mãos atadas
sem qualquer chance de defesa, tira todo o nosso brilho
e as pessoas que amamos.

Algumas dessas almas que vagam por aí às vezes vem me visitar, fico com medo e me ponho a rezar.

Porém, não podemos nos esquecer, de que elas foram vítimas de um entardecer repentino e que talvez ainda, não tenham encontrado seu caminho.

O Semeador

Ana Paula Spatti dos Santos

Como seria belo se todo o jardim fosse repleto de flor
Mas seria mais belo ainda se todos cultivassem o amor
Para distribuir e assim multiplicar
Podendo então muitas vidas alcançar

E se a vida fosse feita de poesia
Poderíamos rimar a sua vida com a minha
Podendo então espalhar a alegria
E não viver apenas uma simples fantasia

E semear o amor e a alegria
Não é algo que se vê todo dia
Mas que deveria estar incluído na rotina
Para enfim, vivermos em harmonia

Podemos ser simplesmente como uma flor
Que não leva alegria apenas ao beija-flor
Mas também enfeita os lares com amor
Exalando um perfume que pode ser transformador

Doces lamentos de um menino sem jeito

Bruno Florentino dos Santos

Era para ser um dia lindo,
Mas a cada dia sem você é como se eu estivesse me
despindo
Camada por camada, até só sobrar espinho.
Me sinto como uma flor com pétalas caindo,
Não tem como florescer quem está em um nimbo.
Não aguento outra decepção, amor? Não sinto.
Mal comecei a vida e só me resta tentar seguir sorrindo.
Disseram que o amor é um doce caramelo,
A real é, amor não passa de um duro martelo,
Eu sou o prego!!
Chorou? Chorei! Estou em farelo.
E pela manhã o sol aparece,
E tudo floresce.
Ah esse sol tem um sorriso tão lindo,
Mais uma vez vou me iludindo com o meu doce
caramelinho.
E tudo vai se repetindo nesse dia mais que lindo.

O tempo

Débora Soares de Souza Purcino

O que há de bom no tempo?

Não sei se vai

Não sei se fica

A lida, amanhã agonia.

Ontem seguia o presente

Que se ia.

A terra gira e gira

Tudo passa, não para.

O dia, à tarde, anoitecia.

A vida nasce, cresce

E procria, se cria, recria, sumia.

Se agora para, medita

Desvia, se vira.

Apenas faça, é o que dizia.

Ele não para, ou para?

Se prepara e encara.

E viva, e viva a vida.

Estilo Interior

Guilherme Barbi

No verão aquelas folhas queimam,
Ultrapassou o sazonal,
É opaco de verde,
Sentimentos secos,
Curtimos nos extremos,

Campinas metrópole,
Meus colegas foram para lá,
Toda vida está indo embora,
Corrida e curta,

Nada novo,
No verão aquelas mesmas folhas queimam,
Faz parte do crescimento,
Meus amigos arrumaram emprego,
Sentimos falta de não fazer nada,

Campinas metrópole,
Meus colegas foram para lá,
Todavia, foram embora,
Está ficando quente,
E sem tempo,

Presos demais em si mesmos,
Para enxergar o que está acontecendo,
Estilo interior,

Brasileiros felizes,
Savana brasileira,
Safari de animais extintos,

Lobos viram reais,
Sorrindo de olhos fechados,
Todos no estilo interior,
Presos demais em si mesmos,
Para enxergar o que está acontecendo.

O sentido do trabalho enquanto atividade de emancipação humana

Jaqueline Lara Brigante

Como o trabalho enquanto atividade de emancipação, se modifica para atender às metamorfoses do homem e do mundo, além de ser uma maneira de construir novos modos de ser e existir?

Pode-se refletir sobre o quanto o trabalho é um fator determinante da saúde mental e a influência que ele tem já que ocupa centralidade na vida de uma pessoa.

Organizamos o nosso dia-a-dia a partir do trabalho, seja em relação aos horários, compromissos e momentos de descanso e lazer.

Há relação entre os acontecimentos (mudanças) no trabalho e o que ele produz?

É importante compreender de maneira ampla e crítica o processo de adoecimento mental do trabalhador, pois o trabalho perpassa questões práticas, sociais e econômicas.

Mas afinal, quem é você?

Por que em nossa sociedade, um trabalho é mais vantajoso ou visto com superioridade em relação aos outros?

O trabalho de um homem é tão importante quanto do outro?

Através do trabalho temos uma vida melhor?

O tempo de trabalho está cada vez mais longo.

A partir da nossa relação com o trabalho, criamos, desenvolvemos e aprendemos.

É importante permitir um espaço por intermédio da leitura que faça com que as pessoas possam discutir sobre as suas experiências em relação ao trabalho.

Esse poema foi construído a partir do desejo de iniciar as discussões pertinentes ao trabalho, incorporado ao meu projeto de Trabalho de Conclusão de Curso.

Ser intrínseco

Júlia Barbato

Durante anos, reprimidas.
Sem direito a voto, educação e trabalho.
Igualdade indispensável e exigida,
O movimento não foi falho.

Guerreiras e incansáveis,
Inúmeras lutas diárias.
Conquistas formidáveis,
E amplamente necessárias.

Sociedade ainda imperfeita,
Preconceituosa e não respeita.
Muitas contradições existentes,
Urgência de agir no presente.

Mais que uma data,
8 de março simboliza o ideal progressista,
Batalhas contra a violência e opressão,
Desejo de quebrar o padrão.

Tudo isso em um ser virtuoso,
Único e corajoso.
Ser intrínseco,
Ser Mulher.

Gatilho Etilista

Jully I. Souza

Na várzea do desespero
Embriagou-se
Desestruturando sua sobriedade
Para sentir o saturado gosto da amargura
E assim, na eventualidade
Uma tentativa falha de achar a cura
Para essa incurável fissura
Que se repete
Exaustivamente
Pobre bêbado
Inconsequente.
Tenta afagar suas frustrações
Na porta de um bar.
Acorda na sarjeta
Desejando nunca mais estar...
Mas ao remoer
Só acha essa saída.
-Por favor, garçom, mais uma bebida.

Caducou Cadu

Leonardo Trindade Capistrano

Caducou Cadu;
um dia moço,
hoje caduco.
Não lembrou da dor,
da dívida,
nem do nome sujo.

Caduco Cadu
esqueceu seu nome
e d'onde morava.
Muito tentou, mas também
não se lembrou
de quem amava.

E amava tanto!
E tanto dizia,
que do seu amor,
nunca esqueceria.
Cadu só não contava
que, um dia, caducaria.

Quem caduca,
não sabe que o faz,
não lembra de nada.
Cadu olvidava
de tudo e de todos;
estava caduco, então caducava.

E um dia, como Cadu,
caducarão estes versos,
esquecidos em gavetas,
em papéis amarelos,
a mofar e a perderem o sentido,
a forma e o jeito.

Mas, agora, é Cadu quem caducou;
um dia moço, hoje caduco.
Ontem fez anos,
e não se lembrou
de fazer um pedido
quando a vela, apagou.

Estender-se

Letícia Gonçalves de Oliveira

Eu sinto muito
Mas não sei nomear,
Feito estrangeira em meu próprio lar

Fugi de tudo para não te encontrar,
Mas o que mais temia era me encontrar.

Nas paredes do inconsciente
Deve haver algo que tente
Explicar essa sensação

Não sei se foi meu ego
Id ou superego
Agindo em comunhão

Só sei que por mais que tentem
Revelar-se
(a) gente
Se entender é a maior perdição.

Nas curvas da desilusão

Letícia Braga

Eu virei a esquina na esperança de te encontrar. Eu sabia que você não estaria ali, mas como eu queria que estivesse.

Eu já nem me lembro mais do seu rosto, na minha memória ele é apenas um borrão. Porém, eu me lembro tão bem do toque das suas mãos e dos seus lábios chegando cada vez mais perto, e de todas as vezes que você me disse para te esperar.

Esperar para o que afinal? Até hoje eu não sei. Mas esperei, até que cansei. O seu retorno não seria breve, aliás você nem queria retornar. O seu caminho até mim era ida e volta, e eu... bom eu só queria permanecer na estrada contigo. Parecia tudo tão seguro, que eu quase te chamei de lar.

O fato é que eu estava tão carente, que na mínima demonstração eu transbordava em sentimentos. Contraditório eu diria, eu doando tanto, e recebendo menos do que merecia.

Se bem que eu nem sei quanto eu merecia, ou mereço, talvez o preço fosse alto demais para você, e mesmo assim eu fiz o depósito das minhas expectativas. Perigoso, às vezes elas nem dão retorno.

O amor para mim

Margareth de oliveira schuks

O amor é palpável é beijável tem gosto de chocolate e cheiro de pipoca com queijo.

O amor lembra coisas gostosas, risadas, brincadeiras momentos que te faz refletir por uma vida inteira.

Quem ama tem que gritar de uma maneira ou de outra se fazer lembrar.

Quem ama sempre vai te ajudar com gestos ou atitudes de uma forma ou de outra vai conseguir expressar.

Porque quando se tem amor o importante é compartilhar.

O que não pode é brincar de amar, fingir e até magoar dizer coisas sem pensar somente pra machucar.

Porque um dia quem amo pode partir.

Deixando apenas lembranças que talvez, não ache ninguém para repetir.

Jardim de saudade

Maria Elisa Pinto Martins

Saudade da minha infância,
quando minha única preocupação era pular amarelinha,
procurar o lugar que eu guardei a minha canetinha,
e fazer o desenho, que para mamãe estava lindo,
mas que eu sabia que precisava de mais capricho.

Saudade eu tenho do sítio do vovô,
quando a vovó fazia pãozinho caseiro,
que com uma pitada do seu ingrediente secreto
eu comia com uma bocada só,
sei que tinha amor e muita brincadeira
porque depois que eu comia saia correndo no quintal
para brincar na areia.

Saudade eu tenho, de brincar com minha irmã e minha
vizinha,
quando brincávamos de casinha eu era mamãe e elas as
filhinhas.

Cair e levantar sem chorar, papai falava,
mas se não levantar vou ai dar um beijinho para logo
sasar.

E meu tio que era adulto com imaginação de criança,
me fazia aproveitar para brincarmos de escolinha,
por sinal ele adorava e eu também, é claro.

Saudade eu tenho da minha avó da cidade,
que adorava passar batom vermelho a cor da paixão.
Sem falar no meu avô que sempre assobiava cantando
um refrão,

e até hoje não sei se é uma música ou só invenção.

Quando era véspera de viagem já dormia com a roupa
de ir

mesmo sabendo que ia demorar e eu tinha que cochilar,
para o tempo passar e a manhã logo chegar para irmos
passear.

A vida é como um jardim,

sempre cultivando momentos e lembranças.

Isso me lembra de quando eu brincava na balança do
parquinho com meus amigos

e sempre pedia para ficar só mais cinco minutinhos.
Sem contar quando reuníamos os tios, tias, primos e primas,
era sempre com muitas gargalhadas que o bairro todo escutava,
eu tinha até uma prima preferida mas essa ninguém sabia,
porque se não dava briga.

Rego minhas lembranças com lágrimas de felicidade,
sabendo que tudo isso foi verdade.

Ao desabrochar a esperança saberei que são belas lembranças,
e assim poderei cultivar no meu coração uma eterna criança.

E fico por aqui plantando novos momentos para serem vividos e cultivados,
para um dia serem colhidos e recordados com saudade.

Sobre(viver)

Mariana Breda Tibana

E foi isso que aconteceu:

Fecharam escolas

Lotaram sacolas

Mascararam sorrisos

E o mundo adoeceu

São horas vazias

Num desequilíbrio que se tornou habitual

Um blackout em dias de sol

Imune, está apenas o virtual

E foi aí que perceberam

Que a modernidade se solidificou

Entre muitas idas, sem vindas

Uma revolução conclamou

O interno suplica
Uma pausa no mundo lá fora
A humanidade baixa, complica
E entorpece o invisível com passiflora

Não tenho muitas ilusões
Mas quanto custa a utopia?
"No mundo tereis aflições"
Já dizia a profecia

Ah, vida contemporânea
Colecionamos resistência no caminhar
Que falta sinto da sua risada espontânea
Se cuide!
A cura ainda são as vitaminas A(mor) e E(sperançar)

Toque-me

Nathalia de Lima Bohnstedt

Toque-me

Toque minha carne afogueada

Toque minha pele descortiçada

Arranque-me os pedaços

Transforma-me em camadas

As quais, uma por uma, deleita-se,

[refestela-se

Mas eu imploro, seja vertiginoso

Ao dar-se por satisfeito,

cessa-se o toque erógeno e

desfaz-se, aos poucos, da

[Alma soturna da qual se embebedou

E por fim, retorna-te de onde veio

Tácito e inapetente

Abandonando, para sempre,

O amor ilusório que a mim criou.

Sozinha

Thais Meyriane Gabriel

Sozinha com meus medos,
Sozinha com meus traumas,
Sozinha com minhas contas,
Com meus sonhos e com minha história.
Sozinha com as guerras da minha casa,
Com a dor do abandono,
Com a sutil felicidade,
E com as leves qualidades que vejo em mim.
Sozinha com os gritos da minha alma,
Com o desespero,
Carência e tesão.
Sozinha com tudo o que sou.

O que vale de entrar no papel de protagonista da própria história,
Se o final da vida é sempre solitário e dramático?

Amor de papel

Victória Rossi

O amor não é frágil pedaço de papel, que facilmente amassa, rasga-se e é destruído pela chuva. Antes, sofre uma deformação que o permite retomar a sua forma original. Isso não quer dizer que não deva ser cuidado ou nutrido, muito pelo contrário! Apesar de sua resistência, ele possui um ponto de fratura. Mas o que digo, é que o verdadeiro amor não é facilmente queimado e reduzido às cinzas como o papel. Mas há amores que se disfarçam de material rígido, revelando a sua falsa dureza na primeira força que lhes é aplicada.

Há sempre dois lados, no entanto. E quando um destes percebe ter-se agarrado ao que na verdade era uma folha de papel, já é tarde demais. Recolhe os seus pedaços e se funde novamente em algo sólido. Sabendo que sim, pode ter sido quebrado; mas não será o seu fim. Enquanto ao pedaço de papel, não resta nada além de se decompor.

Há amores. Nem todos são verdadeiros. Alguns tratam-se de um brilho ilusório. Um jogo de luz. Mas que engana os olhos.

Há amores. Que não se escondem atrás de uma aparência de maior solidez ou tentam brilhar mais do que outros; apenas são aquilo que são e entregam o que possuem. Se entregam.

Há amores. Nem sempre é possível saber a real natureza do amor à sua frente, mas pode-se entregar um brilho verdadeiro, e apesar do risco de fratura: se arriscar.

Doces Mãos

Vitoria Alves Ramos Santos

Eu inocente jovem e imprudente
Conheci você, com mãos doces e voz gentil.
A primeiras falas com voz branda
Que pairavam aos ouvidos como águas fluem em um
rio.

Confiei em você, confessei segredos
Mostrei minha vulnerabilidade
Jamais imaginei que se tornaria um dos meus maiores
medos
Que daria outro sentido a palavra “reciprocidade”

Quando me envolvi, me imaginei sortuda e segura
Bom, quanto ao desrespeito ciúmes e despeito.
Relevei, mas roubaste com violência minha fulgura
Já não pude relevar, parti

Sua personalidade possessiva não permitiu
Aceitei seus insultos como um réu culpado
Com chantagens, ameaças e ciúmes me perseguiu
Até o dia que a insistência ganhou um encontro
marcado.

Fui até você com medo
Falsamente consolada pelo seu pedido de última
despedida
Entrei em seu carro num lugar quieto, como quem
esconde um segredo
O desespero em seu rosto, clareou o seguinte fato, não
havia mais saída

Tentei me desvencilhar de seus braços
Sua voz gentil era alta e me ofendia
A cada investida minha sua raiva se revelava em seus
traços
Suas doces mãos ameaçavam minha vida

Com lábios pálidos a gélida noite soprou em mim
Meu vestido meigo a pedaços pelo carro
Desejei que aquele fosse o fim
Quando o carro parou escolheu para mim um lugar no
barro

Com tão pouco caso me deixou na noite
As luzes se afastando enquanto a escuridão me envolvia
Meu corpo indistinguível de qualquer objeto
Esse sempre foi o seu projeto?

Após tudo isso, vagamente me lembrei de uma notícia
Sou frívola por não me sentir mais tão sozinha?
12 mil mulheres são agredidas por seus cônjuges todo
dia
Elas encontram justiça ou são ignoradas?
Uma antiga frase de minha mãe ressoou em meu
pensamento
“Minha filha, se você é mulher, será sempre a culpada”

Sobre os jurados do concurso



Diedra Roiz é escritora, diretora teatral, atriz e mestranda em Literatura no PPGLIT/UFSC.

Tem 22 livros publicados, dentre eles destacam-se: a trilogia *O Suave Tom do Abismo* (Vira Letra/2015-2018); os romances *Falsas verdades* (Vira Letra/2019) e *O Livro Secreto das Mentiras e Medos* (edição independente/2009); e a coletânea de contos *Duas Mulheres Sozinhas e Outro pequenos contos para não Dormir no Ponto* (edição independente/2019).

Participou das antologias: *Antes que e Eu me Esqueça - 50 autoras lésbicas e bissexuais hoje* (Quintal edições/2021), *VISÍVEIS – I Anuário Filipa Edições, Poesia Gay Brasileira* (Grão editorial/2017) e *(In)Contadas-Aquelas que Não Podem Falar Dizendo o que não deve ser dito* (Vira Letra/2017), da qual também foi uma das organizadoras. Budista(BSGI). Carioca em Floripa.

Site: www.diedraroiz.com

Dia Nobre é escritora e Ph.D em História. Natural do Cariri cearense, atualmente trabalha em Petrolina, Pernambuco, como professora universitária desenvolvendo projetos ligados à literatura, história, lesbianidades e feminismo.



Publicou dois livros de não-ficção, *O teatro de Deus* (Ed.UFC, 2011) e o premiado *Incêndios da Alma*, (Multifoco, 2016), tendo recebido três prêmios por este último, incluindo o Prêmio Capes de Teses (2015).

Seu primeiro livro de poemas, *Todos os meus humores*, foi publicado em junho de 2020 pela Editora Penalux. Participa ainda das Antologias *Coletânea VISÍVEIS – I Anuário Filipa Edições* e *Antes que eu me esqueça – 50 autoras lésbicas e bissexuais hoje* (Quintal Edições, 2021).

Em maio de 2021 lançou o livro de ficção *No útero não existe gravidade*.

Site: www.dianobre.com



Leandro Oliveira é doutor em Sociologia pela UFSCar com a tese *Cinema de Favela, o real da ficção, a estética do político* (2018) e autor do livro de poemas *Real e de Viés* (2013).

Ao longo dos últimos anos, escreveu alguns ensaios e ministrou conferências sobre música, literatura e cinema com particular interesse pelo intercâmbio entre a forma artística e a matéria sociológica. É também trompetista sempre que possível.

Marco Aurélio Scarpino Rodrigues é Doutor em Estudos Literários, Teorias e Crítica do Drama, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, campus de Araraquara, São Paulo, e Doutor em Estudos Clássicos, Mundo Antigo, pela Faculdade de Coimbra, Faculdade de Letras (FLC, Coimbra, Portugal.



Natural da cidade de Araraquara, no interior de São Paulo, formando Letras (Língua Portuguesa, Língua Grega e Língua Latina), atualmente, é docente do Curso de Licenciatura em Letras-Português, Campus de Santana, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), responsável pela cadeira de Filologia Românica e Língua Latina. Desenvolve pesquisa sobre Performance e Recepção do teatro clássico. É professor do Programa de Pós-Graduação em Letras, da UNIFAP e líder do grupo de Pesquisa G.E.D.A. (Grupo de Estudos Dramáticos na Amazônia). Atualmente, prepara a publicação de seu trabalho de pós-doutorado, realizado na UNESP de Araraquara, intitulado “A recepção da performance e o grupo Giz-en-Scène: 30 anos de representações do teatro antigo na academia” e seu trabalho de pesquisa, desenvolvido nos dois últimos anos, na UNIFAP, nomeado “Reminiscências do teatro clássico na Amazônia: diálogos possíveis”.



Organizador

Gesiel Prado é Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, campus de Araraquara, São Paulo. Docente no Centro Universitário da Fundação Hermínio Ometto, Araras/SP. Coordenador do *Núcleo de Linguagens e Letramento em Ensino Superior* (NULIN/FHO).

Desenvolve, desde de 2016, na mesma Instituição, o Projeto de Extensão: *Formação de Leitores*. Líder do Grupo de Pesquisa: *Discurso, Gênero e Sociedade* (DisGêneroS/Capes).



FHO

FUNDAÇÃO HERMÍNIO OMETTO